

**ENTREVISTA** O BOLSONARISMO TERMINA O ANO DESMORALIZADO, DIZ O MINISTRO GUILHERME BOULOS, QUE ELEGE A PAUTA DO PRÓXIMO ANO: O FIM DA ESCALA 6X1

**AVANÇO CIVILIZATÓRIO** A POBREZA NO PAÍS CONTINUA INFAME, MAS ATINGE O MENOR PATAMAR DA HISTÓRIA. E ISSO TEM A VER COM A QUEDA DO DESEMPREGO

# CartaCapital

cartacapital.com.br

ANO XXXI Nº 1391

R\$ 31,90

10 DE DEZEMBRO DE 2025



**basset**  
editora

## O DESPACHANTE

DA CARBONO OCULTO À REFIT, AS DIGITAIS DE CIRO NOGUEIRA SE ESPALHAM PELOS MAIORES ESCÂNDALOS DO PAÍS





**A GENTE CUIDA  
DO HOJE PARA  
O AMANHÃ  
FLORESCER.  
PORQUE  
É DA NOSSA  
NATUREZA  
FAZER  
ACONTECER.**



ines249



A CAIXA e o Governo Federal acreditam na construção, hoje,  
de um futuro justo, inclusivo e regenerativo.

Por isso, apoiamos diversos projetos e temos soluções que unem  
inovação, impacto social e meio ambiente, incentivando a transição  
para uma economia de baixo carbono, sem deixar ninguém para trás.

**Do saneamento básico à mobilidade limpa.**  
**Da moradia digna ao apoio à cultura criativa.**  
**Da inclusão social à autonomia financeira.**







O Estádio do Maracanã é um dos espaços que o governador fluminense pretende leiloar. Pág. 26

8 A SEMANA

**Seu País**

**20 ENTREVISTA** Boulos apresenta sua estratégia para aproximar o governo da população

**23 PEDRO SERRANO**

**26 RIO DE JANEIRO** Cláudio Castro divulga lista de imóveis à venda no estado

**28 SAÚDE** No Brasil, até médicos propagam *fake news* sobre as vacinas

**30 MACHOSFERA** A misoginia virou um lucrativo negócio, revela estudo da FGV

**33 MARJORIE MARONA**

**34 PECUÁRIA** Protocolo da carne pode reduzir as emissões do setor em 35%, diz presidente da Embrapa

**Capa:** Pilar Velloso e Marcelo Camargo/ Agência Brasil

37 RENATO MEIRELLES

**Economia**

**40 DESENVOLVIMENTO** Estudo do Ipea aponta expressivo avanço social em 30 anos

**43 ADALBERTO VIVIANI**

**44 ENERGIA** O Brasil prepara um leilão para integrar o armazenamento ao sistema elétrico

**46 BNDES** Nova plataforma viabiliza financiamento de projetos climáticos para pequenos negócios

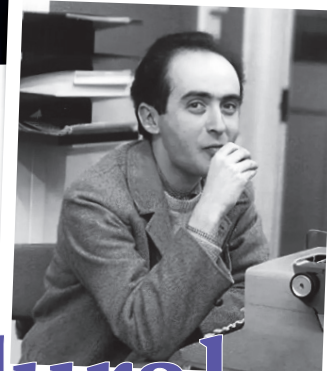
**48 FINANÇAS** Todas as bolhas começam com inovações alavancadas, como *subprime* e criptomoedas

**Nosso Mundo**

**50 ESCALADA** Putin diz estar pronto para uma guerra contra a Europa

**53 JAMIL CHADE**

**54 EUA** “Ninguém vai me calar”, afirma a brasileira Marina Lacerda, uma das vítimas de Jeffrey Epstein



**Plural**

**56 ROBÔS NÃO CHORAM**

À MEDIDA QUE OS *CHATBOTS* SE SOFISTICAM, OS ARTISTAS TENTAM ENTENDER OS IMPACTOS DA IA SOBRE A CRIATIVIDADE HUMANA

**60 FOTO** *Histórias Reais*, de Sophie Calle, ganha nova edição ampliada **62 LITERATURA** A Flup é um celeiro de poetas e romancistas da periferia **65 SAÚDE** *Por Arthur Chioro* **66 CHARGE** *Por Venes Caitano*

**12 O DESPACHANTE**  
CIRO NOGUEIRA DEIXA SUAS DIGITAIS EM VÁRIOS ESCÂNDALOS, DA CARBONO OCULTO À REFIT



## basset

editoria  
EDITORA BASSET LTDA. Rua da Consolação, 881, 10º andar.  
CEP 01301-000, São Paulo, SP. Telefone PABX (11) 3474-0150

DIRETOR DE OPERAÇÃO E NEGÓCIOS: Adalberto Viviani  
DIRETORA FINANCEIRA E PESSOAS: Mara Lúcia da Silva  
GERENTE DE PROJETOS: Mariana de Mello  
ANALISTA DE PROJETOS: Gabriela Gomes de Oliveira  
GERENTE DE TECNOLOGIA: Anderson Sene  
NOVOS PROJETOS: Demétrios Santos  
AGENTE DE BACK OFFICE: Verônica Melo  
CONSULTOR DE LOGÍSTICA: EdCase Gestão de Negócios  
EQUIPE ADMINISTRATIVA E FINANCEIRA: Fabiana Lopes Santos, Fábio André da Silva Ortega e Rita de Cássia Silva Paiva

REPRESENTANTES REGIONAIS DE PUBLICIDADE:  
BA/AL/PE/SE: Canal C Comunicação, (71) 3025-2670 – Carlos Chetto, (71) 9617-6800/ Luiz Freire, (71) 9617-6815, canalc@canalc.com.br  
CE/PI/MA/RN: AG Holanda Comunicação, (85) 3224-2267, agholanda@agholanda.com.br  
MG: Marco Aurélio Maia, (31) 99983-2987, marcoaureliomaia@gmail.com  
OUTROS ESTADOS: comercial@cartacapital.com.br

ASSESSORIA CONTÁBIL, FISCAL E TRABALHISTA: Actual Consultoria S.S.  
Rua Amélia de Noronha, 402, 2º andar, sala 02 – SP/SP – CEP 05410-010  
www.actual.sc, Telefone (11) 3871-0506

CARTACAPITAL é uma publicação semanal da Editora Basset Ltda. CartaCapital não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos assinados. As pessoas que não constarem do expediente não têm autorização para falar em nome de CartaCapital ou para retirar qualquer tipo de material se não possuírem em seu poder carta em papel timbrado assinada por qualquer pessoa que conste do expediente. Registro nº 179.584, de 23/8/94, modificado pelo registro nº 219.316, de 30/4/2002 no 1º Cartório, de acordo com a Lei de Imprensa.

IMPRESSÃO: Plural Indústria Gráfica - São Paulo - SP  
DISTRIBUIÇÃO: S. Paulo Distribuição e Logística Ltda. (SPDL)  
ASSINANTES: Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos



## CARTAS CAPITAIS



### CUMPRASE

✉ Só a condenação dos golpistas já é um feito histórico. Quanto ao julgamento no Superior Tribunal Militar, os generais podem ter um fio de esperança de não perder a patente e os proventos, mas não o ex-capitão. Jair Messias nunca foi bem visto entre os altos oficiais do Exército. Segundo o general Ernesto Geisel, era um mau militar, especialmente após toda a celeuma gerada pela carta à revista *Veja* em 1986, na qual criticava os baixos salários dos praças e aspirantes a oficiais.

**Cesar Augusto Hulsendeger**

✉ Prisão de luxo. Bolsonaro deveria estar em uma cela de presídio, não em uma suíte na Superintendência da Polícia Federal.

**Milton Rodrigues**

### GOLPE NO GOLPISMO

✉ O Supremo Tribunal Federal não é perfeito – tem suas nuances, contradições e idiossincrasias –, mas portou-se com louvor na defesa da democracia e da Constituição ao punir Bolsonaro e seus comparsas golpistas. Espero que não se repitam essas tentativas e que se dissipe a mentalidade de golpe no Brasil. Urge uma reforma na formação militar, que repudie o autoritarismo. Por muito tempo, os generais se colocaram acima das leis, como se fossem os donos do País.

**Paulo Sérgio Cordeiro Santos**

### SOLDAR A DEMOCRACIA

✉ Acho que está bem claro. É preciso ter um Judiciário forte, que faça o que está na lei, não importando o quanto a ultradireita faça birra, espere ou se vitimize. É necessária uma Polícia Federal com liberdade para investigar, que não se deixe envolver por convicções político-partidárias. Também é preciso um sistema de voto eletrônico seguro, ágil e auditável, sob a supervisão de um ramo judiciário específico, para garantir o respeito à decisão do povo. Por último, mas não menos importante, é fundamental impedir que religiões interfiram na política.

**Victor Vasconcelos**

### ANJOS E DEMÔNIOS

✉ Com o enfraquecimento do bolsonarismo e os movimentos do Centrão na costura de uma nova liderança-mor para a direita brazuca, soam muito coincidentes e convenientes os surtos repentinos de Hugo Motta e Davi Alcolumbre contra o Planalto. A troca de farpas com Lindbergh Farias no debate do PL Antifacção e o preterimento de Rodrigo Pacheco à vaga no Supremo Tribunal Federal são motivos rasos demais para embasar uma crise tão belicosa contra o Executivo nestes tempos pré-2026. Parecem indignações ensaiadas e sincronizadas, enquanto os verdadeiros motivos seguem escondidos debaixo do tapete.

**Santiago Artur Wessner**

### GESTÃO DE RISCO

✉ Educação e saúde não combinam com a busca por lucro. Enquanto esse fator interferir na garantia de direitos básicos, a imensa maioria da população, que não pode e não consegue pagar por esses serviços, sofrerá as consequências.

**Abidiel Aroeira Júnior**

#### CARTAS PARA ESTA SEÇÃO

E-mail: [cartas@cartacapital.com.br](mailto:cartas@cartacapital.com.br), ou para a Rua da Consolação, 881, 10º andar, 01301-000, São Paulo, SP.  
• Por motivo de espaço, as cartas são selecionadas e podem sofrer cortes. Outras comunicações para a redação devem ser remetidas pelo e-mail [redacao@cartacapital.com.br](mailto:redacao@cartacapital.com.br)

#### CENTRAL DE ATENDIMENTO

Fale Conosco: <http://Atendimento.CartaCapital.com.br>  
De segunda a sexta, das 9 às 18 horas – exceto feriados

Edições anteriores: [avulsas@cartacapital.com.br](mailto:avulsas@cartacapital.com.br)



# **Indústria 4.0 e Digitalização. Mais produtividade para sua empresa.**

**Condições especiais de financiamento  
válidas somente até 31 de dezembro de 2025.**



Conheça o  
programa BNDES  
Mais Inovação

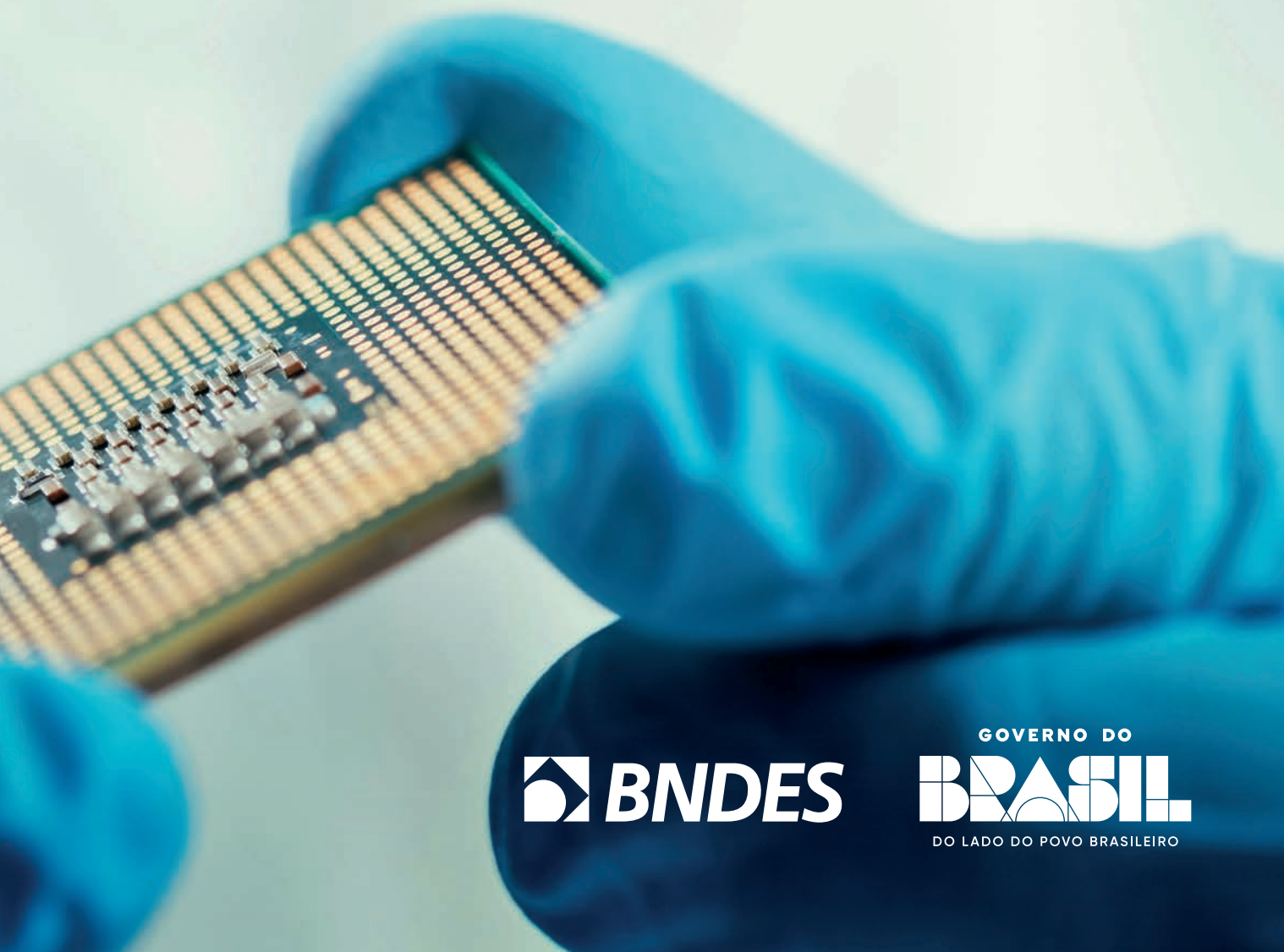




Automação, digitalização, máquinas agrícolas e industriais, tecnologias de sensoriamento e diversos outros itens podem ser financiados.

Procure seu banco parceiro, solicite o financiamento do BNDES e modernize sua empresa.

O futuro acontece com o BNDES.  
Saiba mais em [bndes.gov.br](http://bndes.gov.br)

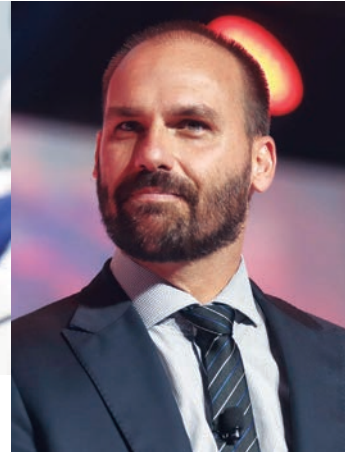




# A Semana

## CNH sem autoescola

O Conselho Nacional de Trânsito (Contran) aprovou, em 1º de dezembro, uma resolução que simplifica a obtenção da Carteira Nacional de Habilitação (CNH). A principal mudança é o fim da obrigatoriedade de frequentar aulas em autoescolas na preparação para os exames teórico e prático. A Secretaria Nacional de Trânsito estima a existência de 20 milhões de motoristas não habilitados no País. “Baratear e desburocratizar a obtenção da CNH é uma política pública de inclusão produtiva, porque habilitação significa trabalho, renda e autonomia. Estamos modernizando o sistema, ampliando o acesso e mantendo toda a segurança necessária”, afirmou o ministro dos Transportes, Renan Filho. O texto proposto pela pasta foi aprovado por unanimidade e entrará em vigor após publicação no *Diário Oficial da União*.



Ramagem, Zambelli e Eduardo Bolsonaro não votam, mas pesam no orçamento da Câmara

## Legislativo/ Foragidos federais

Deputados fujões custam mais de 400 mil reais por mês e ainda aprovam emendas milionárias

**F**ora do Brasil há meses e impedidos de exercer seus mandatos, Alexandre Ramagem, Carla Zambelli e Eduardo Bolsonaro, todos do PL, ainda custam 400 mil reais por mês aos cofres da Câmara dos Deputados. Embora seus salários e cotas parlamentares estejam bloqueados, os gabinetes seguem ativos, sustentados com recursos públicos. E, ao que tudo indica, essa situação deve continuar assim por um bom tempo, graças ao inestimável apoio de colegas dispostos a tolerar parlamentares foragidos da Justiça.

Na terça-feira 2, o deputado Diego Garcia (Republicanos) deu uma bela mostra dessa tolerância. Relator do processo contra Zambelli na Comissão de Constituição e Justiça da Câmara, ele apresentou parecer contrário à cassação do mandato da parlamentar. Condenada duas vezes pelo Supremo Tribunal Federal – a dez anos de prisão por falsidade ideológica e invasão do sistema do Conselho Nacional de Justiça, e a 5 anos e 3 me-

ses por porte ilegal de arma e constrangimento ilegal no episódio da perseguição a um eleitor de Lula pelas ruas de São Paulo – a deputada está presa na Itália, onde aguarda o julgamento do seu processo de extradição.

O STF já reconheceu o “trânsito em julgado” em ambos os casos. Ou seja, não há possibilidade de recursos. Mesmo assim, Garcia resolveu inovar. “Analisiei toda a ação e todos os documentos aos quais tive acesso e o que encontrei foram suspeitas, mas não há certeza de que a deputada tenha ordenado as invasões”, disse o parlamentar, ao recomendar a manutenção do mandato de Zambelli.

Já Ramagem, condenado a 16 anos de prisão por sua participação na trama golpista, além da perda do mandato e da suspensão dos vencimentos, está foragido nos EUA desde setembro. Seu salário, de 46,3 mil reais, só foi bloqueado pela Câmara na segunda-feira 1º, em cumprimento de uma decisão do STF. Mas seu gabinete continua ativo e o fugitivo conseguiu o feito de aprovar 40,2 milhões de reais em emendas no orçamento de 2026.

Eduardo Bolsonaro também conseguiu emplacar igual valor em emendas, mesmo em seu autoexílio nos EUA desde março. Réu por coação no curso do processo – por sua atuação para que o governo Trump aplicasse sanções contra autoridades responsáveis pela investigação e julgamento do seu pai –, ele ainda não é considerado um foragido da Justiça, mas está, desde agosto, impedido de registrar presença e votar nas sessões da Câmara. Ainda assim, seus colegas relutam em cassar seu mandato.

## Justiça/ Golpistas na enfermaria

Moraes determina perícia em general Heleno para comprovar Alzheimer

**N**ão é apenas Jair Bolsonaro, tão orgulhoso do seu “histórico de atleta” no auge da pandemia de Covid-19, que viu a saúde se deteriorar repentinamente após a condenação por tentativa de golpe de Estado. Recentemente, o general Augusto Heleno surpreendeu a muitos – quase todos – com a revelação de que padece de Mal de Alzheimer desde 2018. A revelação veio à tona em uma avaliação clínica a que foi submetido no Comando Militar do Planalto, em Brasília, onde começou a cumprir a pena de 21 anos de prisão. Pouco depois, sua defesa tratou de ajustar a narrativa, esclarecendo que o diagnóstico seria de 2025, e não de sete anos antes, como o próprio militar havia dito à equipe médica.

Seria, de fato, um escândalo se o general admitisse ter ocultado um quadro de demência progressiva durante os quatro anos em que



O ex-ministro pleiteia a prisão domiciliar

comandou o Gabinete de Segurança Institucional da Presidência, ao qual está subordinada a Agência Brasileira de Inteligência. Dias depois, a Procuradoria-Geral da República manifestou-se favorável à concessão de “prisão domiciliar humanitária”. Desconfiado, o ministro Alexandre de Moraes, relator da ação penal sobre a trama golpista no Supremo Tribunal Federal, determinou que a defesa de Heleno apresentasse todos os exames e relatórios médicos relacionados ao Alzheimer desde 2018. Só então os advogados retificaram a informação, afirmando que a descoberta da doença é recente. A confusão de datas talvez seja apenas mais um sintoma do conveniente diagnóstico, que agora será submetido a perícia requisitada por Moraes à Polícia Federal.

## No bunker da Lava Jato

O ministro Dias Toffoli, do Supremo Tribunal Federal, autorizou buscas na 13ª Vara Criminal Federal de Curitiba, onde o ex-juiz e atual senador Sergio Moro, do União Brasil, atuou no processo da Lava Jato. Conduzida pela Polícia Federal, a recente operação mira arquivos mencionados em denúncias do ex-deputado estadual Tony Garcia, que em 2023 afirmou ter sido obrigado por Moro a gravar ilegalmente políticos, magistrados e autoridades no caso Banestado, em 2004. Toffoli determinou apreensão de inquéritos, acordos de colaboração premiada, mídias e, em especial, uma caixa amarela de arquivos com as supostas gravações clandestinas.

## 2026/ RETRATO RASGADO

MICHELLE E FILHOS DE BOLSONARO TRAVAM DISPUTA POR ESPÓLIO DO CAPITÃO

Após Michelle Bolsonaro criticar a articulação do PL para apoiar a candidatura de Ciro Gomes (PSDB) ao governo do Ceará, os quatro filhos de Jair Bolsonaro se uniram para atacar a madrastra. O estopim da enésima crise familiar foi aceso em um comício em Fortaleza, no qual a ex-primeira-dama condenou a “precipitação” do deputado André Fernandes, presente no ato, ao buscar uma aproximação com Ciro. “Fazer aliança com o homem que é

contra o maior líder da direita não dá”, afirmou no palanque.

Flávio Bolsonaro foi o primeiro a repreender a madrastra. “Michelle atropelou o presidente Bolsonaro, que havia autorizado o movimento”, disse ao portal Metrôpoles. Carlos, o filho “Zero Dois”, reforçou o recado nas redes sociais: “Meu irmão está certo”. Eduardo, o “Zero Três”, em autoexílio nos EUA, classificou a declaração da ex-primeira-dama como “injusta e desrespeitosa”. Por sua

vez, Jair Renan, o “Zero Quatro”, limitou-se a republicar as postagens dos irmãos.

Com mais seguidores nas redes que cada um dos enteados, Michelle manteve a crítica: “Respeito a opinião deles, mas penso diferente”. Desta vez, a vontade da primeira-dama prevaleceu e as negociações de alianças no Ceará foram suspensas pela direção do PL. Pelo visto, nem precisou esperar o corpo esfriar para a disputa pelo espólio do capitão esquentar.



A ex-primeira-dama rejeita um apoio do PL a Ciro Gomes no Ceará



# A Semana

## O clamor do papa no Oriente Médio

Em sua primeira viagem internacional após assumir o comando da Igreja Católica, o papa Leão XIV pediu o fim dos “ataques e hostilidades” no Líbano. O país é alvo frequente de bombardeios das forças israelenses, em meio ao frágil cessar-fogo entre o governo de Israel e o Hezbollah. “O Oriente Médio precisa de novas abordagens para romper a mentalidade de vingança e violência, superar divisões políticas, sociais e religiosas e abrir novos capítulos em nome da reconciliação e da paz”, afirmou o pontífice durante uma missa em Beirute. “O caminho da hostilidade mútua e da destruição no horror da guerra já durou tempo demais, com resultados deploráveis. Precisamos educar nossos corações para a paz.”

## Rio de Janeiro/ O infiltrado

Presidente da Alerj é preso por suspeita de vazar informações de operação contra TH Joias

O presidente da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, Rodrigo Bacellar, do União Brasil, foi preso na quarta-feira 3 pela Polícia Federal, durante a Operação Unha e Carne. Ele é suspeito de repassar informações sigilosas da Operação Zargun, que resultou na prisão do então deputado estadual Thiego Raimundo dos Santos Silva, o TH Joias. Bacellar teria telefonado para o investigado na véspera, dando orientações sobre a ação.

A prisão foi determinada pelo ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal. Segundo a PF, Bacellar alertou TH Joias sobre a iminente operação para prendê-lo. Ciente da ameaça, o investigado apagou informações do seu aparelho celular e se desfez de objetos de sua casa. Com um novo aparelho, o investigado chegou a gravar um



O deputado teria alertado o colega sobre a iminente prisão, em setembro

vídeo mostrando os itens que manteria em casa e enviou ao presidente da Alerj.

Preso em setembro, TH Joias é acusado de negociar drogas, armas e drones para o Comando Vermelho. Então filiado ao MDB, ele foi expulso do partido e afastado do mandato. Em sua decisão, Moraes destacou que o presidente da Alerj atuou para “obstruir investigações envolvendo facção criminosa e ações contra o crime organizado, inclusive com influência no Poder Executivo Estadual”. Até recentemente, Bacellar era um denodado aliado do governador Cláudio Castro, mas a relação se deteriorou nos últimos meses, em meio a disputas relacionadas a pretensões eleitorais em 2026.



Mendes: solução errada para uma preocupação legítima

## STF/ AÍ NÃO, GILMAR

O MINISTRO EXTRAPOLA AO INTERFERIR EM UMA PRERROGATIVA DO SENADO

Entende-se o escopo da decisão monocrática do ministro Gilmar Mendes, do Supremo Tribunal Federal, a ser referendada ou não pelo plenário da Corte. Ao determinar que só e apenas só o procurador-geral da República teria poderes para ingressar com um processo de *impeachment* contra integrantes do STF, Mendes busca uma vacina contra o vírus autoritário que continua vivo nas veias do bolsonarismo e é potencializado

pelo oportunismo do “Centrão”. Essa turma não esconde os planos para 2026. Como anda cada vez mais difícil arrumar um candidato para derrotar o presidente Lula, a prioridade passou a ser formar uma maioria no Senado capaz de aprovar a cassação de magistrados do tribunal e complicar a vida do Executivo. A reação preventiva de Mendes não é, porém, o melhor caminho – nem para a Corte nem para a consolidação de uma

democracia. Trata-se de um abuso, uma interferência indevida nas prerrogativas do Poder Legislativo. Só aumenta o tumulto e dá margem às críticas, em geral infundadas, ao ativismo e à politização do Judiciário. É preciso encontrar outra maneira de deter o projeto nefasto da extrema-direita. A começar pelas urnas. Se o voto dos brasileiros frustrar as maquinarias bolsonaristas, não só o STF estará a salvo. O País também.



# REDE D'OR É ELEITA A EMPRESA DE SAÚDE MAIS CONFIÁVEL DO BRASIL EM RANKING DA NEWSWEEK

*Pesquisa global reconhece a força da Rede D'Or em unir qualidade assistencial, valorização de pessoas e governança sólida*

O ranking global *World's Most Trustworthy Companies 2025*, da revista Newsweek, apontou a Rede D'Or como a empresa de saúde mais confiável do Brasil. O levantamento é um dos mais respeitados do mundo corporativo e ouviu 65 mil pessoas em 20 países, somando 200 mil avaliações e meio milhão de menções analisadas na internet. A pesquisa avalia a confiança de consumidores/pacientes, colaboradores e investidores, reforçando o reconhecimento de uma marca que se destaca por unir excelência técnica, credibilidade e compromisso com o cuidado. Mais do que um título, o reconhecimento da Newsweek reforça a liderança da Rede D'Or e a consistência de uma trajetória construída ao longo de décadas, com base em qualidade, transparência e responsabilidade em cada relação.

## O QUE SUSTENTA ESSA CONFIANÇA

Na percepção dos consumidores e pacientes, a Rede D'Or se destaca pela excelência no atendimento, pela segurança dos processos clínicos e pela clareza na comunicação. Entre colaboradores, o destaque vem de uma cultura que valoriza oportunidades reais de crescimento, reconhecimento profissional e propósito compartilhado. E na visão dos investidores, a empresa se firma pela governança sólida, sustentabilidade das práticas e visão de longo prazo, pilares que tornam a Rede D'Or um dos grupos mais admirados da saúde suplementar. Na soma desses critérios, a Rede D'Or conquistou o posto de empresa brasileira mais confiável no setor de saúde, liderando a categoria *Health Care & Life Sciences* no ranking nacional. "Ser uma empresa confiável

significa cuidar de forma responsável em todas as frentes: pacientes, médicos, colaboradores e investidores. A confiança é o que conecta tudo isso", afirma Rodrigo Gavina, CEO da Rede D'Or São Luiz. Esses reconhecimentos se somam à presença da companhia entre as empresas brasileiras com maior número de hospitais listados no ranking *World's Best Hospitals*, da Newsweek. Em 2025, 28 unidades figuram entre as melhores do país, representando um quarto de todas as instituições brasileiras incluídas na lista.

## RECONHECIMENTO QUE VAI ALÉM DA PESQUISA

A força dessa reputação se reflete também em outros prêmios de destaque. Em 2025, a Rede D'Or foi eleita a melhor empresa de serviços médicos pelo ranking Valor 1000, uma premiação anual organizada pelo jornal Valor Econômico, e teve seus hospitais reconhecidos entre os Mais Amados de São Paulo e do Rio de Janeiro, em votação realizada pelos leitores da Revista Veja. Na capital paulista, a marca São Luiz conquistou o 1º lugar no ranking, e o Hospital Vila Nova Star ficou com o 3º lugar. No Rio de Janeiro, o Barra D'Or, o Copa D'Or e o Quinta D'Or foram eleitos pelos cariocas como os hospitais mais amados da cidade. Na Rede D'Or, a confiança se manifesta em protocolos clínicos rigorosos, em investimentos constantes em inovação, no respeito às equipes médicas e no foco inegociável na experiência de cada paciente. Essa postura fortalece um ciclo virtuoso: profissionais mais engajados, pacientes mais satisfeitos e resultados sustentáveis.



### O que faz da Rede D'Or a empresa de saúde mais confiável do Brasil

#### CrITÉRIOS avaliados

- Qualidade
- Segurança
- Transparência
- Governança
- Sustentabilidade

#### Destaque da Rede D'Or

- 1ª colocada entre as brasileiras do setor de saúde
- 28 hospitais entre os melhores do país, segundo o *World's Best Hospitals 2025*





REPORTAGEM DE CAPA

Nogueira, sempre  
na borda

# Onde está Ciro?

BASTA VASCULHAR OS ESCÂNDALOS  
RECENTES PARA ENCONTRAR  
O PRESIDENTE DO PP

por ANDRÉ BARROCAL

O crime organizado está na berlinda, graças a uma série de operações policiais e fiscais. As tramas desvendadas não são estreladas apenas por facções como o PCC. Há gente da alta roda e de colarinho branco em cena, como empresários, fundos de investimento e bancos. Há também uma coincidência em vários desses episódios. Por onde quer que se olhe, enxerga-se um político influente, o senador Ciro Nogueira, presidente de um dos maiores partidos, o PP, ministro da Casa Civil sob Jair Bolsonaro e aspirante a vice em uma chapa presidencial a eventualmente ser encabeçada pelo governador Tarcísio de Freitas, de São Paulo. Nogueira não é investigado nesses casos, mas está sempre nas imediações dos escândalos recentes. É assim nos casos da refinaria Refit, dos bancos BRB–Master e em esquemas do PCC.

A Polícia Federal tenta investigá-lo por conta de suas ligações com o dono de uma casa de apostas *online*. Pediu autorização ao Supremo Tribunal Federal em maio. O pedido foi distribuído à juíza Cármen Lúcia. Na polícia, comenta-se que a magistrada abriu mão do caso ou em favor de um colega de Corte ou de outra instância judicial. No STF, nada de informação. A PF colocou a mira em Nogueira após a revelação de que o senador tinha viajado à Europa no jatinho de um alvo da CPI das *Bets*, comissão que integra. “É um grande empresário do meu estado, conheço ele há muito tempo. Eu me comprometo aqui com a CPI, caso nós decidamos trazer ele de volta, a encontrá-lo. É uma pessoa que reside no meu estado”, comentou o parlamentar no dia do depoimento de Fernando Oliveira Lima, o Fernandim OIG, em novembro de 2024.

O relatório final da CPI da senadora Soraya Thronicke, de Mato Grosso do Sul, apresentado em junho passado, incriminava por lavagem e associação cri-

minosa o velho conhecido de Nogueira. Segundo o texto, a OIG, empresa de Lima, foi criada para esconder e lavar dinheiro de apostas ilegais em uma engrenagem com um pé no exterior. Para sorte do acusado, o relatório foi rejeitado, daí as conclusões não terem sido formalmente enviadas ao Ministério Público Federal. Duas semanas antes da rejeição, Nogueira havia voado em um jatinho de Lima para Mônaco, onde assistiria a uma corrida de Fórmula 1, conforme relato do site da revista *Piauí*. A senadora pediu a exclusão do colega da composição da CPI depois de a notícia ser publicada, mas o presidente da comissão, Dr. Hiran, de Roraima, ignorou a relatora. É das fileiras do PP.

A CPI teve acesso a relatórios do Coaf, órgão federal de combate à lavagem de dinheiro, que mostraram depósitos de 625 mil reais de Lima na conta de um ex-colaborador de Nogueira, feitos entre 2023 e 2024. Victor Linhares de Paiva trabalhou um tempo no gabinete do senador em Brasília até concorrer e se eleger vereador pelo PP em Teresina, em 2020. Seu mandato terminou em 2024 e, no início de 2025, ele assumiu a Secretaria de Articulação Institucional da prefeitura da capital piauiense na gestão de outro amigo do parlamentar, Silvio Mendes. O cargo tinha entre suas funções manter relação com autoridades. Paiva deixou-o em 3 de novembro, véspera de se tornar um dos alvos da Polícia Civil do estado em uma operação chamada Carbono Oculto 86, referência

a uma batida da PF contra um esquema do PCC em São Paulo, a Carbono Oculto.

A ação de agosto da PF foi a maior realizada contra o crime organizado. Apurou um esquema que teria movimentado 52 bilhões de reais em quatro anos. O PCC usava o comércio de combustíveis para lavar os ganhos com o tráfico de drogas. O dinheiro era depositado em fundos de investimento administrados na Avenida Faria Lima, coração financeiro nacional. A movimentação era feita por meio de um banco digital, a *fintech* BK Bank. Paiva recebeu, via BK, 230 mil reais de dois empresários piauienses do ramo de combustíveis investigados pela Polícia Civil estadual. A dupla teve os passaportes retidos e corre o risco de ter, a qualquer momento, a prisão preventiva decretada a pedido do Ministério Público Federal.

**H**aran Santiago Sampaio e Danilo Coelho de Souza eram sócios em uma rede de postos de gasolina de nome “HD”, as iniciais dos primeiros nomes da dupla. A rede, que também administra postos no Maranhão e Tocantins, foi vendida, no fim de 2023, para uma empresa aberta dias antes. Segundo a polícia do Piauí, a firma de fachada é um braço do PCC. Por trás dela estariam dois fundos atingidos pela PF na operação de agosto em São Paulo. Foi na época da compra da rede HD que Paiva recebeu os 230 mil dos empresários. Enquanto se espera um esclarecimento sobre o motivo do depósito, surgiu um vídeo no qual Paiva, Sampaio e Souza confraternizam em um avião rumo à Itália.

O esquema desbaratado pelas versões nacional e piauiense da Operação Carbono Oculto inclui ainda a sonegação no comércio de combustíveis. É uma especialidade de um empresário íntimo de Nogueira: Ricardo Magro, dono da Refit, refinaria sediada no Rio de Janeiro alvejada por duas operações do Fisco neste ano e devedora de mais de 20 bilhões de

**A PF QUER  
INVESTIGAR O  
SENADOR POR  
LIGAÇÕES COM  
UMA BET. DEPENDE  
DE AUTORIZAÇÃO  
DO STF**



## REPORTAGEM DE CAPA

reais em impostos. Duas semanas antes de a Refit ser alvo da Operação Cadeia de Carbono, realizada pela Receita Federal em setembro, Magro afirmou à *Folha de S.Paulo*: “O caso do Ciro é especial. Ele é um amigo que eu tenho fora da política. Claro que a gente fala de política, claro que eu me aconselho com ele, falamos de política, me aconselho com ele”.

O empresário coleciona encrencas desde os tempos em que a Refit se chamava Manguinhos. Foi advogado do ex-deputado Eduardo Cunha, político certa vez flagrado pela PF em um telefonema no qual deixava claro ser um defensor de Manguinhos na alegria e na tristeza. O Fisco tem certeza de que a Refit montou um modelo de negócios baseado na sonegação. A operação de setembro desembocou na interdição da refinaria pela Agência Nacional do Petróleo. O governador fluminense, Cláudio Castro, foi ao tri-

## NOGUEIRA AGIU NO CONGRESSO PARA ALIVIAR A VIDA DA REFIT, DO AMIGO RICARDO MAGRO

bunal estadual de Justiça e conseguiu reabri-la. Aliminar, posteriormente cassada em Brasília, partiu de um desembargador, Guaraci Campos Vianna, que em 2019 havia sido afastado pelo Conselho Nacional de Justiça por ter o costume de dar despachos a favor de suspeitos durante plantões no TJ, como a soltura de milicianos.

Uma nova operação contra a Refit foi realizada em novembro, a Poço de Lobato, e contou com a participação da Receita Federal e do Ministério Público paulista. Revelou uma arquitetura descrita pelos investigadores como “sofisticada”. A grana suja, oriunda de sonegação, vai

para o estado de Delaware, conhecido paraíso fiscal nos Estados Unidos. Lá é mantida em fundos cujos proprietários são difíceis de identificar (em geral, outros fundos). Depois, volta ao Brasil para fazer girar a engrenagem novamente. Uma fraude tributária estimada em 26 bilhões de reais.

Um dos alvos de novembro era um ex-colaborador de Nogueira. Jonathas Assunção de Castro foi braço direito do senador quando este chefiou a Casa Civil de Bolsonaro. Ocupava a secretaria-executiva da pasta. Naquela época, foi escolhido pelo Palácio do Planalto para fazer parte do conselho de administração da Petrobras. Após deixar o governo, foi trabalhar na refinaria de Magro, onde os conhecimentos adquiridos na estatal devem ter sido úteis. Uma de suas funções na Refit era fazer contato com autoridades e políticos.

A refinaria promoveu eventos e jantares em Nova York nos meses de maio de 2024 e de 2025 com autoridades bra-



A Refit vive da sonegação de impostos e o senador tentou facilitar ainda mais a vida dos donos da empresa



Os empresários Magro e Lima têm em Nogueira um aliado. Motta, presidente da Câmara, é cria do líder do PP



sileiras e Nogueira era um dos convidados. No evento deste ano, foi um dos palestrantes. No anterior, sua presença tinha sido mais discreta. Um mês após o convescote de 2024, o parlamentar defendeu no Congresso os interesses da Refit, embora sem citar nomes. O Senado debatia a lei dos devedores contumazes, tentativa de dar um basta justamente na estratégia de empresas que vivem da sonegação de impostos. O secretário da Receita Federal, Robinson Barreirinhas, disse em outubro passado a parlamentares que o projeto atinge “bandidos”. Na batida de novembro na Refit, os agentes encontraram uma espécie de currículo profissional e familiar de Barreirinhas, conforme noticiou o portal UOL. Descoberta que dá razão àquele comentário anterior do secretário.

**E**m junho de 2024, Nogueira propôs duas alterações no projeto defendido pelo Fisco. Uma excluía da caracterização de devedor contumaz aqueles setores econômicos nos quais houvesse agente estatal capaz de influenciar os preços. É o caso da refinaria de Magro, atuante no mesmo ramo da Petrobras. A outra tentava impor parecer prévio de agências reguladoras sobre a qualidade dos bens e serviços prestados pelos potenciais “devedores”. Ou seja, a ANP seria empurrada a servir de mais um biombo a favor da Refit.

Com outra emenda sem nomes, Nogueira defendeu os interesses do Banco Master, fechado pelo Banco Central em novembro. Apesar de a liquidação ter ocorrido agora, os problemas da instituição de Daniel Vercaro, preso por duas semanas na Operação Compliance Zero, vinham de antes. Em meio a eles, o senador tentou tirar do papel uma norma que viria bem a calhar ao banco, que enfatizava a potenciais compradores de seus títulos o fato de os papéis serem cobertos pelo Fundo Garantidor de Crédito. Abastecido com recursos do sistema financeiri-



## REPORTAGEM DE CAPA

ro, o FGC socorre pessoas físicas e jurídicas com depósitos de até 250 mil reais em instituições em apuros. Possui 120 bilhões e a clientela do Master vai levar um terço do total, 40 bilhões. Nogueira tentou quadruplicar o limite do socorro individual para 1 milhão de reais. Valeu-se para tanto de uma proposta de emenda à Constituição que dá autonomia financeira e orçamentária ao BC.

As encrescadas do Master tiveram publicidade do BRB, o banco estatal de Brasília, segundo o Ministério Público Federal. E, tudo indica, a cumplicidade só foi possível graças a uma teia de influências que tem Nogueira no centro. O governador do Distrito Federal, Ibaneis Rocha, do MDB, é conterrâneo piauiense do senador e se dá bem com ele. Ao decidir concorrer ao cargo pela primeira vez, em 2018, bateu na porta do gabinete do parlamentar para contar a novidade e ouvi-lo. Quer disputar o Senado em 2026 e teve o nome lançado pelo pepista há mais de um ano. A vice-governadora do Distrito Federal, Celina Leão, é do PP, e vai querer substituir Rocha. Entrou na chapa do governador na reeleição em 2022.

**N**aquela última disputa, o partido de Nogueira apoiou Flávia Arruda, hoje Flávia Peres, para uma vaga ao Senado. Flávia ex-Arruda é do PL de Bolsonaro e foi colega de Planalto do hoje senador. Quando este era da Casa Civil, ela era ministra da Secretaria de Governo. Derrotada em 2022, Flávia entrou no Master como diretora de Relações Institucionais, posto que lhe dava a delegação de fazer contatos políticos. Era ainda namorada de Augusto Lima, sócio do banco até o ano passado. O presidente do BRB desde o início da gestão Rocha é outro do círculo de Nogueira: Paulo Henrique Costa, afastado por decisão judicial no dia da liquidação do Master. Os negócios do BRB nos últimos dois anos passarão por uma “auditoria minuciosa”



A Carbono Oculto 86, no Piauí, alcançou um antigo auxiliar do senador, cujos tentáculos também chegam ao Banco de Brasília

do BC, por ordem judicial. O sucessor de Costa, Nelson Souza, fez, aliás, carreira no Piauí e tem laços com o parlamentar.

Em março, o BRB havia anunciado a compra de 49% do Master, negócio que, para o MPF, tinha por objetivo salvar o banco privado e acobertar fraudes financeiras. Antes de ser proibida pelo BC, a aquisição foi examinada no órgão federal chamado de “xerife da concorrência”. O Cade aprovou-a em junho. Seu presidente era Alexandre Cordeiro, a quem Nogueira certa vez chamou, em um telefonema de teor conhecido da PF, de “meu menino”. “Eu botei ele lá”, teria dito. Cordeiro ficou no Cade de 2015 até a análise do caso Master-BRB. Para o negócio entre os dois bancos ser concretizado, faltava o aval do Legislativo de Brasília, o que aconteceu em agosto por obra de Rocha, e do BC.

**PAIRAM AINDA  
AS DENÚNCIAS  
DO PILOTO  
MAURO CAPUTTI  
MATTOSINHO  
EM UMA  
INVESTIGAÇÃO  
SOBRE O PCC**

A Câmara dos Deputados pressionou o Banco Central. Nogueira tem grande influência sobre o presidente da Casa, Hugo Motta. O líder do governo no Senado, Jaques Wagner, do PT, comentou certa vez que Motta era “cria” do piauiense. O deputado segurou o quanto pôde a lei dos devedores contumazes. Só deixou o projeto andar, com a designação de um relator, após a investida de novembro do Fisco contra a Refit. A chefe de gabinete de Motta é irmã de Cordeiro, o “menino” de Nogueira, e antiga colaboradora do senador e do PP. Sabá Cordeiro também chefiou o gabinete do pepista na Casa Civil. A propósito, quando o congressista era ministro, nomeou Anelise Lenzi Ruas de Almeida para a assessoria especial de Jair Bolsonaro. Almeida comanda hoje a Procuradoria-Geral da Fazenda Nacional e é cotada para ser advogada-geral da União no lugar de Jorge Messias, caso este seja aprovado para a vaga no Supremo Tribunal Federal.

O método escolhido por deputados para forçar o BC a liberar a compra de parte do Master pelo BRB foi um pedido de urgência na votação de uma lei que poria fim à autonomia da autoridade monetária e permitiria demitir seus diretores. A



frente do pedido, Cláudio Cajado, do PP da Bahia. Cajado foi o substituto de Nogueira no comando do PP, quando o senador assumiu a Casa Civil de Bolsonaro. A ameaça não deu certo. A lei não foi votada, nem o BC se dobrou. Proibiu a aquisição de parte do Master pelo BRB e, dois meses depois, fechou a instituição privada.

Cajado foi o autor do texto final da PEC da Blindagem, aquele escândalo que a Câmara aprovou em setembro para proteger

congressista fora da lei. O correligionário de Nogueira estendeu o escudo a presidentes de partido. O senador é um cacique partidário e sua reeleição no ano que vem será difícil no estado mais lulista do Brasil. Se bem que, para não ficar sem mandato e manter prerrogativas parlamentares, pode optar por voltar a ser deputado, cargo exercido entre 1995 e 2010. Há outro chefe partidário a quem a proteção faria bem, caso não tivesse sido en-

gavetada no Senado. É Antonio Rueda, do União Brasil, que não tem mandato. Rueda e Nogueira são, digamos, sócios atualmente. Selaram um acordo para os respectivos partidos montarem uma federação, ou seja, atuarem por quatro anos como se fossem uma legenda só.

O presidente do UB tem motivos para se preocupar com as garras da lei? A Operação Overclean, levada adiante pela PF desde dezembro de 2024, apura desvio de verba de emendas parlamentares por parte, sobretudo, de políticos de seu partido. Um dos personagens na mira é um empresário conhecido como “Rei do Lixo”. José Marcos Moura filiou-se ao União Brasil em 2023 e entrou para a direção da sigla após Rueda assumir a presidência, no ano passado. Foi preso na primeira fase da Overclean e posteriormente solto. A seu pedido um avião teria decolado de Salvador rumo a Brasília com 1,5 milhão de reais em dinheiro vivo, recursos apreendidos pela PF uma semana antes de a operação ganhar as ruas.

**N**ogueira é dono de um jatinho. Ou era até a eleição de 2018, quando declarou à Justiça Eleitoral possuir um patrimônio de 23 milhões de reais, dos quais 2,8 milhões referentes a uma aeronave. E Rueda, tem avião? Um piloto que diz ter prestado serviços para o esquema do PCC descoberto na Operação Carbono Oculto jura que sim. Mauro Caputti Mattosinho, um filiado do PSOL, declarou ao ICL Notícias, e depois em depoimento à PF, que não apenas pilotou jatos de Rueda usados pela facção criminosa paulista. Também teria ouvido o nome de Nogueira durante um voo, no qual uma sacola de dinheiro era transportada para Brasília. Rueda tem negado desde então a alegação do piloto.

Nogueira foi procurado por *CartaCapital*, por meio da assessoria de imprensa, para esclarecer os fatos abordados nesta reportagem. Não houve resposta. •





# COM WILL PAY, VOCÊ VENDE E RECEBE EM ATÉ 5 SEGUNDOS.

Já deu tempo  
de receber antes  
de passar para  
a próxima página.



SEU NEGÓCIO  
PODE SER  
MAIS WILL.





Não precisa de  
CNPJ.



Tem a menor  
taxa do mercado.



É mais rápido do que  
os outros pays.





# O ministro das ruas

**ENTREVISTA** Guilherme Boulos apresenta sua estratégia para estreitar a relação do governo com a população

A RODRIGO MARTINS

**G**uilherme Boulos parece ter levado ao pé da letra a missão confiada por Lula. Não por acaso, batizou seu primeiro programa à frente da Secretaria-Geral da Presidência de “Governo na Rua” – uma definição precisa para a estratégia de levar serviços públicos às comunidades mais desassistidas, mesmo que seja por meio de carretas. Mais que oferecer soluções prontas, a iniciativa também busca ouvir as demandas da população e construir um orçamento participativo. Na entrevista a seguir, o ministro detalha a iniciativa, celebra a isenção do Imposto de Renda para quem ganha até 5 mil reais, aponta o fim da escala 6x1 como prioridade para 2026, defende direitos básicos para trabalhadores plataformizados e comenta a prisão de Jair Bolsonaro, após a tosca tentativa de violar a torção eletrônica com um ferro de solda. “A confissão em vídeo desarmou até os seguidores mais apaixonados. Terminaram o ano desmoralizados”, observa Boulos. A íntegra, em vídeo, está disponível em [www.cartacapital.com.br](http://www.cartacapital.com.br).

**CartaCapital:** Qual é a proposta do Governo na Rua?

**Guilherme Boulos:** A ideia é levar as ações do governo federal para todos os territórios, porque muita coisa que fazemos não chega a todos. Uma das princi-

pais frentes são as “feiras da cidadania”. A estreia será no Sol Nascente, em Ceilândia (DF), uma das maiores favelas do Brasil. Vamos levar uma tenda do Ministério da Educação para inscrever jovens no Pé de Meia, uma carreta da Saúde com especialistas, outra do Sesi com atendimento odontológico e uma da Caixa com o programa Reforma Casa Brasil, que oferece crédito de até 30 mil reais para famílias reformarem seus lares. Isso terá grande impacto nas periferias, onde muitas vezes a obra fica incompleta: o filho casa, faz um puxadinho, mas precisa rebo-car a parede, construir um banheiro... É uma iniciativa nova, poucos sabem como se inscrever. Vamos percorrer 30 cidades até junho e, além de levar serviços, queremos ouvir as demandas da população para construir um orçamento participativo. Aqui, do outro lado da Praça dos Três Poderes, vemos emendas parlamentares rolando soltas no Congresso, sem muita transparência. Se há o “orçamento secreto”, vamos fazer o “orçamento do povo”.

**CC:** A relação do governo com o Congresso continua tensa. Como lidar com as resistências? O caminho é pelas ruas?

**Orçamento participativo.** “Vamos percorrer 30 cidades até junho e, além de levar serviços públicos, queremos ouvir as demandas da população”





**GB:** Lula foi eleito com quase 60 milhões de votos, mas o campo progressista não tem nem um terço da Câmara. É um governo de coalizão. Para aprovar seus projetos, o presidente precisou compor com partidos que não o apoiaram nas eleições, como União Brasil, Republicanos, PP, PSD e MDB. Mas a relação não é tão tensa quanto parece. Se estivesse só em pé de guerra, o governo não teria conseguido aprovar uma de suas maiores realizações: zerar o Imposto de Renda de quem ganha

**“Zerar o Imposto de Renda de quem ganha até 5 mil reais e **taxar os super-ricos** é pagar uma dívida histórica”**

até 5 mil reais e taxar os super-ricos. Estamos falando de uma dívida histórica: fazer os privilegiados colocarem a mão no bolso e aliviar a carga sobre os trabalhadores.

**CC:** Esse projeto foi aprovado logo após manifestações contra a PEC da Blindagem e a anistia para golpistas...

**GB:** Sim. De um lado, há um esforço de diálogo com o Congresso, liderado pela ministra Gleisi Hoffmann, mas não é um trabalho fácil, sobretudo depois que as emendas se tornaram regra. Mas também há a pressão social, isso é inegável. À época, eu ainda não era ministro, mas ajudei a convocar esses protestos, que levaram 1 milhão de brasileiros às ruas. Aqueles atos foram decisivos não só para enterrar iniciativas em prol da impunidade, mas também para tirar da gaveta o projeto de isenção do IR, cuja tramitação se arrastava há seis meses. Reafirmamos isso, por exemplo, na discussão sobre o fim da escala 6x1: o lobby empresarial é brutal e, sem mobilização nas ruas e nas redes, dificilmente o trabalhador terá redução de jornada.

**CC:** Essa é uma agenda prioritária para 2026?

**GB:** Sem dúvida. Ontem estive com Gleisi, os ministros Sidônio Palmeira e Luiz Marinho, além de parlamentares que têm projetos sobre redução de jornadas, como a deputada Érika Hilton e o senador Paulo Paim. Há algum tempo, foi instalada uma comissão na Câmara para debater o fim da escala 6x1, mas o relator Luiz Gastão acabou de apresentar um texto que a mantém. É inaceitável. Fizemos uma coletiva no Planalto para reiterar que essa é uma proposta prioritária tanto para o governo quanto para o presidente Lula.

**CC:** O senhor receberá entregadores de aplicativos nesta semana. Como tem sido a relação do governo com esses trabalhadores plataformizados?

**GB:** A esquerda tem enfrentado, em vários países, dificuldades para construir relações nesse novo mundo do trabalho. Esta-





mos falando de quem está na informalidade, dos autônomos, dos nanoempreendedores, dos que prestam serviços por plataformas. Em geral, esses trabalhadores são mais fragmentados e um tanto refratários à organização sindical. Aproximar-se desse setor não é um desafio apenas para o presidente Lula, mas para o campo progressista globalmente. Estamos tentando avançar na perspectiva de garantir direitos a quem não tem a proteção da CLT.

**CC:** Eles querem a proteção da CLT?

**GB:** Todo mundo quer férias, descanso semanal, 13º salário e aposentadoria. Mas, até pela precarização da reforma de Temer em 2017, muitos rejeitam o emprego celetista devido aos baixos salários e às longas jornadas, inclusive na escala 6x1. Hoje, os motoristas de aplicativo valorizam, por exemplo, a possibilidade de esticar o trabalho em um dia para poder acompanhar o filho ao médico no outro. O problema é que os aplicativos transformam essa flexibilidade em superexploração, graças à ausência de regulação adequada.

**CC:** O que o governo propõe?

**GB:** Primeiro, garantir piso mínimo de rendimento. É injusto: essas plataformas de transporte apenas fazem a intermediação tecnológica e cobram até 50%

## “Tarcísio é o candidato da direita e também do sistema. É o queridinho da Faria Lima, dos bancos e das fintechs”

das corridas. Não têm carro, não trocam pneus, não colocam combustível, só mantêm a plataforma funcionando. O percentual deveria ser fixo e limitado. No caso dos entregadores, as rotas são agrupadas para reduzir pagamentos por entrega, e ninguém sabe como funcionam os algoritmos. Além disso, precisamos debater a Previdência: um dia esses trabalhadores não poderão mais trabalhar. Vão ficar sem aposentadoria? E se sofrerem acidentes? As contribuições deveriam ser custeadas principalmente pelas empresas, com uma contrapartida mínima dos trabalhadores.

**CC:** Bolsonaro foi preso e, ao contrário do que diziam seus aliados, não houve convulsão social. Qual a força do bolsonarismo hoje?

**GB:** Os bolsonaristas perderam capacidade de mobilização. Antes lotavam

avenidas, mas os atos estão cada vez menores. Não houve comoção com a prisão, e as circunstâncias ajudaram: diziam que a prisão domiciliar era injusta, que não havia risco de fuga, mas Bolsonaro foi flagrado tentando violar a torreseira com um ferro de solda. A confissão em vídeo desarmou até os seguidores mais apaixonados. Terminaram o ano desmoralizados.

**CC:** Quem assume o espólio de Bolsonaro na disputa com Lula?

**GB:** Tarcísio de Freitas trabalha dia e noite com esse propósito, mas permanece em cima do muro para não melindrar o clã Bolsonaro e por reconhecer a força eleitoral de Lula. Está claro que ele é o candidato da direita e do sistema. É o queridinho da Faria Lima, dos bancos, das *fintechs*...

**CC:** E o senhor, disputará cargo eletivo em 2026?

**GB:** Entrei na Secretaria-Geral em outubro. Para concorrer, teria de me desincompatibilizar em abril, como prevê a lei. É difícil desenvolver um trabalho completo em tão pouco tempo, então pretendo permanecer até o fim com Lula. Mas também tenho o compromisso de ajudar a construir o palanque em São Paulo, o mais populoso do País. Se Tarcísio se lançar à Presidência, a esquerda tem chances de vencer no estado. Afinal, qual foi sua grande realização? A venda da Sabesp? Prometeu reduzir tarifas, mas a empresa privatizada já anunciou um aumento de 6% na conta de água. E espalhou pedágios invisíveis, o tal *Free Flow*, que multam se você não notar ou esquecer de pagar. Os eleitores não são bestas, percebem essas coisas.

**CC:** As pesquisas ainda não captaram essa insatisfação...

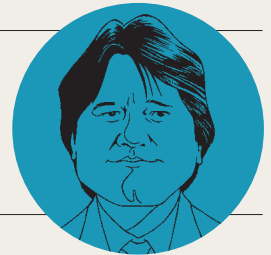
**GB:** Se for candidato à reeleição, Tarcísio ainda é favorito, porque controla a máquina estadual. A oposição é minoritária na Assembleia Legislativa, o governador tem a simpatia de grande parte da mídia. Muita coisa não aparece, mas, quando começar o debate eleitoral, vamos ver como se sai diante de temas espinhosos, como a privatização da Sabesp e os pedágios. •



**Fim da escala 6x1.** “Sem mobilização, não tem como vencer o lobby empresarial”

**PEDRO SERRANO**

Advogado e professor de Direito Constitucional da PUC de São Paulo, é autor, entre outros, de *Autoritarismo e Golpes na América Latina* (Alameda Editorial)



# Messias no Supremo

► **A indicação favorece o propósito de chancelar novas etapas do processo de amadurecimento do Judiciário como instrumento democrático**

**A** indicação de Jorge Messias, advogado-geral da União, ao Supremo Tribunal Federal ocorre em um momento singular da história do Poder Judiciário no Brasil. Sufocada pelo autoritarismo do Executivo durante o período ditatorial, nossa Corte, mesmo durante a retomada da democracia, seguiu atada a ditames de uma elite conservadora que, invariavelmente, se agarra à manutenção de seus privilégios nas tratativas de poder no País. Por longo tempo, muitos, equivocadamente, enxergaram o Judiciário como um apêndice do Executivo, algo característico de regimes totalitários. Com o fim da ditadura, nossa Corte aos poucos precisou retomar a ciência de seu verdadeiro papel de guardião dos princípios constitucionais de um Estado Democrático de Direito.

Recentemente, foi intenso o debate sobre a atuação do STF no julgamento dos envolvidos nos atos golpistas de 8 de janeiro de 2023. Enquanto parcela da direita acusava o processo de ser uma “caça às bruxas”, analistas como aqueles da publicação inglesa *The Economist* detectavam um marco de “maturidade democrática”, ou um exemplo de democracia, inclusive, para os Estados Unidos.

Estamos diante, então, ao que tudo

indica, de uma evolução institucional do Poder Judiciário como tal.

Neste contexto, a indicação de um nome para compor o Supremo Tribunal Federal é parte integrante e fundamental dessa linha evolutiva. É dessa maneira, em primeiríssimo lugar, que deve ser considerado um ato desse porte, para além de recortes momentâneos de disputas políticas, rejeições pontuais ou vieses de vaidades pessoais. Havemos, sim, de pensar, de fato, na consolidação da autonomia do Judiciário, no exercício pleno do papel protagonista no trato de grandes temas regulados por nossa Constituição. É algo estabelecido nas democracias desenvolvidas, mas que, por aqui, ainda parece causar certa estranheza. A ponto de a firmeza institucional da Corte ser por muitos interpretada como ativismo judiciário ou extração de atribuições.

**Quando analisamos** a adequação de um indicado ao STF, obviamente também o fazemos sob a perspectiva de convergências políticas e ideológicas. Mas o direcionamento da escolha passa, antes de tudo, pela competência e pelo histórico de realizações do pleiteante ao posto.

Messias possui currículo formativo invejável. Trata-se de um profissional altamente qualificado, com graduação pela Universidade Federal de Pernambuco e doutorado pela Universidade de Brasília. É advogado da União, cujo ingresso deu-se por meio de concurso que exige grande preparo, concretizando um significativo tempo de exercício e consolidando-se, a meu ver, como o melhor AGU destas últimas décadas. Seu saber jurídico é inquestionável e, ao longo de anos, esteve a serviço de vários cargos estratégicos, como o

de procurador da Fazenda Nacional, função que exerce desde 2007. Também já foi subchefe para Assuntos Jurídicos da Presidência da República, secretário de Regulação e Supervisão da Educação Superior do Ministério da Educação e consultor jurídico dos ministérios da Educação e da Ciência, Tecnologia e Inovação.

A construção de uma carreira que dedica seus profundos conhecimentos técnicos aos interesses da União me soa como um justificado argumento para a confiança depositada em seu nome pelo presidente Lula. Para alguns, essa suposta proximidade é motivo de crítica, como se confiabilidade estivesse necessariamente atrelada à busca de algum tipo de favorecimento pessoal. Está, na verdade, ligada à demonstração cotidiana de equilíbrio e coerência em posicionamentos que consolidam o perfil de Messias como o de um defensor dos direitos fundamentais. A parceria firmada pela AGU com as defensorias públicas dos estados e do Distrito Federal é um exemplo de iniciativa encabeçada pelo indicado que visa à proteção dos mais vulneráveis.

Trata-se de um jurista aberto ao diálogo, que busca conduzir com sensatez temas de maior complexidade para a sociedade brasileira. Seu rigor técnico torna-se um atributo fundamental, especialmente em um momento histórico que, marcado pelo extremismo, requer uma sólida capacidade de proteção contra distorções ideológicas de quaisquer vertentes.

Talvez aí resida o furor da resistência à sua indicação: a ciência, por parte dos incomodados, de que a opção por Messias favorece o propósito de chancelar novas etapas de amadurecimento de nosso Judiciário como instrumento da democracia. •

[redacao@cartacapital.com.br](mailto:redacao@cartacapital.com.br)



ines249

# CONQUISTA HISTÓRICA DO POVO BRASILEIRO

## ZEROU

O IMPOSTO DE RENDA  
PRA QUEM GANHA ATÉ

## R\$5 MIL

E OS SUPER-  
**RICOS**  
VÃO PAGAR  
**MAIS**

SAIBA MAIS EM

[gov.br/brasilmaisjusto](http://gov.br/brasilmaisjusto)



O QUE MUDA PARA OS BRASILEIROS  
A PARTIR DE JANEIRO DE 2026:

QUEM GANHA ATÉ

**R\$ 5 MIL** POR  
MÊS:

**ZERO IMPOSTO**

DE **R\$ 5 MIL** ATÉ

**R\$ 7.350** POR  
MÊS:

**IMPOSTO MENOR**

MAIS DE

**R\$ 50 MIL** POR  
MÊS:

**CONTRIBUIÇÃO  
JUSTA**

GOVERNO DO



DO LADO DO POVO BRASILEIRO



# Queima de estoque

**RIO DE JANEIRO** Cláudio Castro divulga lista de imóveis a serem leiloados no estado

POR MAURÍCIO THUSWOHL

**C**om uma dívida de 193 bilhões de reais e previsão de déficit de 18,9 bilhões no próximo ano, o governador Cláudio Castro decidiu promover uma liquidação de imóveis pertencentes ao estado do Rio de Janeiro naquela linha “deu a louca no gerente”. Embora de valor estético e simbólico inestimável, os 61 bens listados pelo governo renderão aos cofres públicos, segundo os cálculos oficiais, a pechincha de 5 bilhões de reais, nem a metade da parcela anual de 12 bilhões transferida à União por conta da última renegociação. Estão incluídos, entre outros, o Estádio do Maracanã e a gare da Central do Brasil, ícones arquitetônicos da capital fluminense. A Black Friday de Castro tem ainda tons de perseguição política ao engordar o pacote com as sedes de entidades históricas de direitos humanos, incluídos os grupos Tortura Nunca Mais e Arco-Íris. A pressão popular levou o presidente da Assembleia Legislativa, Rodrigo Bacellar, a adiar a votação da proposta. Após a prisão de Bacellar na quarta-feira 3, por ter vazado uma operação da Polícia Federal que visava um colega deputado, não se sabe ainda quando o Parlamento voltará ao tema.

Até lá, a oposição tentará mobilizar a sociedade contra o projeto, que tem como ponta de lança o líder do governo e presidente da Comissão de Constituição e Justiça da Assembleia, Rodrigo Amorim. Depois de negociar um acordo para reti-

rar a maioria dos itens considerados polêmicos da lista, o parlamentar do União Brasil, famoso por quebrar uma placa de rua com o nome da vereadora assassinada Marielle Franco, permitiu a reinclusão de alguns imóveis. “O acordo firmado na CCJ é institucional e foi respeitado. Outra coisa é o plenário, onde a proposta pode ser emendada”, justifica.

**Outros bens listados** são os estádios Nilton Santos e Caio Martins e a Rodoviária Novo Rio, além de renomados prédios de produção de conhecimento, como a Escola de Música Villa-Lobos, a Escola de Arte do Brasil e o Instituto Politécnico da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. “Conseguimos acertar na Comissão de Constituição e Justiça a criação de um grupo que fez vistorias nos locais com o intuito de excluir aqueles que comprovadamente demonstrassem que têm equipe, cumprem função importante e têm convênio de atendimento com órgãos públicos”, garante Carlos Minc, do PSB.

Minc coordenou as vistorias em lo-

**Há um viés ideológico no projeto, que prevê desalojar organizações de direitos civis**



cais onde hoje funcionam entidades que atuam há décadas na defesa dos direitos humanos incluídas na lista. Entre os itens postos à venda por Castro estão as sedes do Grupo Tortura Nunca Mais, que, entre outras coisas, atua pelo fim da arbitrariedade policial, do Grupo Arco-Íris, pioneiro na promoção da diversidade sexual e dos direitos humanos da comunidade LGBT+, da Casa Nem, centro de acolhimento a *trans* em condição de vulnerabilidade social, a Casa Almerinda Gama, que atende mulheres vítimas de violência doméstica, e a Aldeia Maracanã, ponto de referência para as comunidades indígenas.

Para impedir a liquidação, a oposição denuncia o descumprimento de leis federais sobre compra e venda de imóveis. “Seja governo estadual ou prefeitura, para vender algum imóvel, tem de ter previamente uma avaliação técnica do valor. É uma regra anticorrupção”, diz Minc. Feita a avaliação, Castro, instigado pela Procuradoria-Geral do Estado, determinou a retirada de diversos itens, mas



uma parte foi novamente incluída pelas emendas da base governista. “O projeto está mutilado na sua essência por tudo aquilo que foi acrescido. Os acréscimos de imóveis no projeto são inconstitucionais, pois não se originam no Executivo, mas no Parlamento. Também não consta, em cada um desses projetos, a avaliação do imóvel”, pondera Luiz Paulo Corrêa da Rocha, do PSD. Segundo ele, a inserção de alguns imóveis tem viés político e ideológico. “A inclusão do Maracanã e da Central do Brasil visa um confronto com a prefeitura do Rio. Há outras que buscam um confronto direto com a Uerj, foco de oposição ao governo. E há o terceiro grupo, que inclui o Tortura Nunca Mais.”

Amorim não esconde as intenções da base governista. “Cumprir o compromisso de não politizar a CCJ, mas essa é a minha pauta ideológica e vou defendê-la. Quem quiser fazer militância que faça com as suas próprias expensas, não com dinheiro público.” O deputado afirma considerar “inadequada” a manutenção da sede

**Deu a louca no gerente?** Sem caixa para a campanha de 2026, Castro quer passar nos cobres o Maracanã, entre outros. Tudo a preço de banana



do Tortura pelo Estado e diz que vai “liderar uma articulação conservadora” para aprovar a venda. “Quero que esse imóvel seja alienado o mais rápido possível. Vai servir como caráter pedagógico para que outros grupos entendam que militância se faz com recursos próprios.”

**Fundadora do grupo,** a psicóloga Cecília Coimbra afirma que a proposta parte da concepção de “uma extrema-direita fascista que quer silenciar todo e qualquer tipo de diferença”. A ONG não descarta a possibilidade de processar Amorim. “O deputado levanta calúnias quando diz que vivemos à custa do Estado. Ocupamos a sede há 31 anos em regime de comodato, cedido na época do governo Brizola, com o qual, aliás, tínhamos diferenças. Nunca nos aliamos a partido político ou governo estadual, municipal ou federal. Vivemos de doações e temos como princípio manter nossa independência e autonomia”, esclarece.

Integrante da direção do Tortura Nunca Mais, o historiador Rafael Maul afirma que a luta agora se dará em duas frentes. “Vamos tentar um caminho de diálogo e convencimento com os parlamentares, para que não seja levado adiante. Politicamente, queremos sensibilizar a sociedade civil, o Parlamento e os poderes executivos. Em termos jurídicos, estamos organizando algumas estratégias com advogados. Não posso adiantar quais seriam, mas estão colocadas em termos da garantia do direito à memória e à justiça.” O objetivo, diz, é debater a necessidade de se garantir espaços de funcionamento a entidades que foram ou ainda são responsáveis por exercer uma função primordial para a construção democrática do Estado. “Como uma organização responsável por essas políticas perde o direito de ter um espaço para existir?”, questiona. “Vamos acionar os sistemas internacionais para se pronunciarem e pressionar, se for necessário.” •



# Doutores contra o Zé Gotinha

**SAÚDE** No Brasil, até médicos propagam *fake news* a respeito da vacinação

POR FABÍOLA MENDONÇA

**R**eferência mundial em vacinação antes da dupla tragédia da Covid-19 e do negacionismo do governo Bolsonaro, o Brasil luta para retomar os antigos índices de imunização. Doenças antes consideradas erradicadas ou sob controle voltaram a assombrar. No ano passado, a coqueluche matou 21 crianças. Segundo os levantamentos oficiais, em dois anos, 64 brasileiros perderam a vida por falta de doses adequadas das vacinas. O movimento antivax, crescente em escala global, ganha um caráter peculiar no País. Médicos negacionistas tornaram-se grandes propagadores do medo na população. No fim de novembro, a Advocacia-Geral da União acionou extrajudicialmente a Meta, controladora do WhatsApp, Instagram e Facebook, para a suspensão dos conteúdos divulgados por três médicos: Roberto Zeballos, Francisco Cardoso e Paulo Porto de Melo.

Segundo o Ministério da Saúde, a queda na vacinação começou a partir dos cortes nos investimentos feitos no governo de Michel Temer. O quadro agravou-se na pandemia, quando a administração Bolsonaro boicotou a imunização ao mesmo tempo que estimulou tratamentos “alternativos” não referendados pela comunidade científica para a Covid-19, como o uso de Ivermectina, Cloroqui-

na e Hidroxicloroquina. “A vacinação no Brasil sempre foi muito exitosa. Temos o Programa Nacional de Imunização, que é robusto, com uma boa capilaridade do conteúdo internacional, grande diversidade de vacinas e com cobertura em todo o País. Mas, entre 2015 e 2016, a gente começa a registrar uma queda de cobertura para as vacinas de rotina. E as causas são multifatoriais”, salienta Eder Gatti, diretor do Departamento do PNI, citando problemas de acesso, desestruturação da atenção primária e inconstância no abastecimento das doses, além da disseminação de informações falsas que colocam em dúvida a credibilidade das vacinas.

“Na pandemia, tivemos um direcionamento do sistema de saúde que comprometeu vários serviços do SUS, inclusive a vacinação. A hesitação vacinal ganhou mais um aliado, a desinformação, que questiona a confiança das vacinas,

comprometendo a cultura de imunização que construímos ao longo da história. Ainda hoje, a gente observa movimentos articulados de *fake news* acontecendo em momentos de campanhas nacionais, como na vacinação contra a gripe. Isso compromete bastante”, lamenta Gatti. O Ministério da Saúde, acrescenta, tem investido fortemente em campanhas de comunicação voltadas para conscientização da população sobre a importância da imunização, além de realizar um monitoramento minucioso para identificar a disseminação de notícias falsas contra vacinas e, na sequência, levar os responsáveis à Justiça.

Para a grande maioria das vacinas, o ideal de cobertura é de ao menos 95% do público-alvo. Segundo o médico Eduardo Jorge da Fonseca, presidente do Departamento Científico de Imunizações da Sociedade Brasileira de Pediatria, alguns imunizantes voltados para crianças estão com cobertura bem abaixo desse índice, oscilando entre 80% e 85%. “Se uma doença de alta contaminação, como o sarampo, encontrar 10% das crianças que eram para estar vacinadas e não foram, temos um risco de isso se transformar em uma epidemia de forma rápida.” Embora o número de casos de sarampo esteja em crescimento no mundo inteiro, principalmente nos Estados Unidos, Canadá e México, o Brasil recebeu o certificado da OMS de país livre. “A gente começou a bater algumas metas em 2024, como na vacina de BCG e Tríplice Viral. E, desde o ano passado, conseguimos a certificação. O Brasil teve um surto de sarampo de 2018 a 2022 e depois parou, graças à vacinação que intensificamos. Agora, a gente está numa corrida frenética para não deixar a doença entrar novamente no País, considerando que ela está descontrolada no mundo”, esclarece Gatti.

“As vacinas são vítimas do seu próprio

**A imunização no País, antes referência mundial, caiu de forma drástica**



sucesso. Os pais que hoje estão na casa dos 30 anos não tiveram a convivência com os colegas com poliomielite, meningite, sarampo, não viram um primo falecer de uma doença infecciosa. Isso acabou passando a falsa impressão de que as doenças estavam controladas e que os eventos adversos, normalmente leves e transitórios, como febre e dor local, eram mais importantes que a proteção da doença. Essas pessoas perderam a percepção de risco e passaram a considerar os eventos adversos como mais importantes do que a vacinação”, ressalta Fonseca, ao destacar a urgência de combater a desinformação. “A gente tem de ter conteúdos criativos e acessíveis, como vídeos curtos que falem a linguagem do povo,

que esclareçam a segurança da vacina, além de ter estratégias para atender todo mundo, como aumentar o horário das unidades de saúde, e ter mais campanhas de conscientização.”

**O neurocirurgião** Paulo Porto de Melo nega fazer parte do movimento antivacina, assim como o infectologista Francisco Cardoso. “Não sou nem nunca fui antivacina, inclusive meus filhos têm todas as vacinas do PNI e algumas que não são do programa, mas que considero úteis e seguras”, garante Melo, mesma justificativa apresentada por Cardoso. “Jamais adotei posicionamento contrário à vacinação. Meus filhos possuem o calendário vacinal inte-

**Esforço.** Com informação pública e reforço das campanhas, o ministro Padilha tenta recolocar as coisas no trilho

gralmente atualizado pelo PNI, bem como receberam, por minha livre convicção médica e pessoal, imunizações adicionais não integrantes do programa, por considerá-las seguras e eficazes. Meus posicionamentos sempre são a favor da vacinação, inclusive combatendo mitos ‘antivacina’ clássicos”, completa Cardoso. Os dois médicos afirmam que nomearam advogados para entrar com ações judiciais contra quem os acusa. O imunologista Roberto Zeballos não atendeu a reportagem. •





## Cifras do ódio

**VIOÊNCIA** Estudo da FGV mostra como a misoginia se tornou um lucrativo negócio nas plataformas digitais

POR MARIANA SERAFINI

**"P**ra mim, você não nega", dizia Thiago da Cruz Schoba enquanto agredia a então namorada, no sábado 29. A vítima conseguiu filmar a agressão e fugir, enquanto acionava a polícia. Por sorte, en-

controu uma viatura na rua e foi socorrida. O agressor foi preso em flagrante, acusado de tentativa de estupro e violência doméstica, mas acabou liberado no dia seguinte, durante uma audiência de custódia. Um laudo do Instituto Médico Legal apontou diversos feri-

mentos e hematomas no rosto, braços e pernas da mulher. Schoba é um *influencer* digital *red pill* conhecido nas redes como Thiago Schutz ou "Calvo do Campari". Ele se apresenta como palestrante, escritor e *coach*, mas na prática ocupa espaços digitais para ensinar homens inseguros a "domar as mulheres". A misoginia travestida de autoajuda é um negócio lucrativo: uma hora de mentoria pode custar até 2 mil reais.

"Thiago Schutz é a versão *mainstream* desses influenciadores ultramisóginos, mas, ao investigar esse ecossistema, vimos que ele é muito maior e mais organizado do que se imaginava", afirma a pesquisadora Julie Ricard, responsável pelo estudo *Redes de Ódio e Violência Contra Mulheres*, do Laboratório de Estudos sobre Desordem Informacional e



**Estratégia.** Os influenciadores consolidam uma base de seguidores antes de começar a oferecer produtos e serviços, observa a pesquisadora Julie Ricard

Políticas Públicas da Fundação Getúlio Vargas. A pesquisa mapeou 85 comunidades abertas no Telegram, que somam mais de 220 mil usuários, e revelou que esse universo cresceu 600 vezes no Brasil entre 2020 e 2025.

No estudo, foram identificadas cinco categorias principais: “Identidades masculinistas”, “Desenvolvimento pessoal masculinista”, “Guerra cultural”, “Misoginia” e “Criptos e investimentos”. Ao cruzar dados desses grupos, os pesquisadores encontraram um ecossistema sofisticado que combina radicalização misógina, monetização e conexões com movimentos conspiracionistas e neonazistas. A categoria “Misoginia” é a que mais gera engajamento, superando 2,6 milhões de comentários.

Os produtores de conteúdo não bus-

cam apenas *likes* e seguidores. “A lógica é a mesma de outros influenciadores: primeiro se cria uma comunidade em torno de uma identidade e, depois, essa base é monetizada com a venda de serviços e produtos”, explica a pesquisadora. Os masculinistas oferecem cursos, mentorias, livros e diferentes info-produtos, além de “desafios” pagos e até

**A “machosfera” reúne 220 mil brasileiros no Telegram e funciona como ponte para grupos neonazistas**

expedições, como os “Legendários”, em que homens sobem montanhas em busca de uma “melhor versão” de si mesmos.

Nem todas as comunidades atacam mulheres de forma explícita. Muitas se organizam em torno de pautas como negacionismo climático, teorias antivacinas, sobrevivência em cenários apocalípticos, terraplanismo, reptilianos e outras delirantes conspirações. Ainda assim, há uma troca constante de *links* e conteúdos entre esses grupos, o que os conecta diretamente a espaços de “anti-woke e gênero”, “revisionismo e discurso de ódio” e até “neonazismo”. Em todos, a misoginia está presente, por vezes camuflada em piadas e *memes*, o que cria a falsa impressão de inocência.

**O ódio estende-se** também a questões de raça e classe, mas atinge com particular intensidade mães solo, identificadas nos grupos pela sigla “MSol”. “Em alguns casos, o discurso é apenas de crítica ou rejeição, mas muitas vezes é extremamente violento”, afirma Ricard. O mais alarmante, segundo a pesquisadora, é que essa violência frequentemente transita do meio digital para o mundo real. Um exemplo extremo ocorreu em São Paulo: uma mulher foi atropelada e arrastada por mais de um quilômetro pelo ex-companheiro, e teve as duas pernas amputadas devido à gravidade dos ferimentos. Mãe de dois filhos, de 12 e 7 anos, ela é vítima de um crime que chocou o País e evidencia de forma dramática a propagação desse ódio nas redes.

O Brasil ocupa o quinto lugar no ranking de países que mais matam mulheres. Só neste ano, já foram registrados mais de mil feminicídios, segundo dados do Ministério da Justiça, aumento de 26% em relação a 2024. Entre janeiro e junho, o Observatório da Mulher Contra a Violência, do Senado,



contabilizou 33.999 estupros – média de 187 por dia.

O pesquisador Ergon Cugler, coautor da pesquisa da FGV, explica que essas comunidades funcionam como uma “porta de entrada” para a radicalização e ingresso em grupos neonazistas. “Temas mais brandos, como globalismo, são a isca”, diz. Uma vez integrado ao grupo, o indivíduo pode rapidamente ser atraído por ideologias extremistas. Paralelamente, a monetização da machosfera se dá por meio de discursos voltados a “investidores”, explorando a associação entre sucesso financeiro e a reafirmação da masculinidade tradicional, acrescenta Cugler.

**Christian Dunker**, psicanalista e professor titular do Instituto de Psicologia da USP, explica que a tendência à radicalização, ou mesmo entrar nesses grupos, está ligada a uma crise de identidade masculina, o “sentir-se deslocado”. “Como as gerações anteriores resolviam isso? ‘Eu estou perdido, encontro outros perdidos’. Havia o grupo dos enfeitados”, observa. O comportamento toma outro rumo ao migrar para o ambiente digital. “A internet oferece uma solução semelhante, tornando-se o espaço onde o indivíduo encontra reconhecimento”, afirma Dunker. Trata-se, porém, de “uma solução insalubre”, pois o anonimato e distância criam um ambiente “inconsequente e sem modulação de afeto”.

O discurso reforça que “um verdadeiro homem não tolera humilhação”. A pressão para provar que “você é macho mesmo”, aliada à hipertrofia de ideais masculinos, torna cada vez mais difícil agir como uma pessoa comum, explica o psicanalista. Em muitos casos, esse mecanismo deságua em uma “resposta brutal, violenta”, materializando o ódio digital no mundo real ao romper as barreiras de mediação.



**Macho alfa.** Thiago Schutz não hesita em demonstrar sua “valentia” contra as mulheres

Segundo a advogada Camila Duarte, fundadora da página @Direito.Dela, que oferece informação jurídica para mulheres, os conteúdos violentos, seja no Telegram ou em redes como Instagram, Facebook, TikTok e YouTube, raramente são explícitos. “Ninguém fala ‘mate uma mulher’. São discursos com pitadas de misoginia que progressivamente dessensibilizam a percepção sobre a violência”, explica. Ela ressalta que, além do lucro financeiro, o ódio pode gerar capital político. “Muitos políticos se elegem disseminando misoginia”, alerta.

Duarte defende que esse cenário exige medidas institucionais e políticas públicas urgentes, incluindo a regulação das redes sociais, que devem ser responsabilizadas por permitir a circulação de conteúdos de ódio, e a criminalização da misoginia. Há um Projeto de Lei em tramitação no Congresso que propõe alterar a Lei de Racismo para incluir a misoginia na tipificação desse crime. Segundo a advogada, a medida poderia prevenir feminicídios ao permitir barrar agressores antes que os atos se tornem fatais.

Procurado pela reportagem, Schoba preferiu não se manifestar. Sua assessoria sugeriu destacar trechos de um vídeo publicado no Instagram, no qual ele confirma as agressões, mas nega a tentativa de estupro – o conteúdo foi removido horas depois. O Telegram informou, em nota, que “conteúdos que incitem violência são expressamente proibidos” e que moderadores, com apoio de IAs personalizadas, monitoram áreas públicas e aceitam denúncias. A Meta não se pronunciou até o fechamento desta edição. •

## Acusado de violência doméstica e tentativa de estupro, o “Calvo do Campari” cobra até 2 mil reais por hora em suas “mentorias”

Doutora em Ciências Sociais pela PUC Minas, Bruna Camilo estuda a machosfera desde 2021 e observa que a radicalização nesses quatro anos foi avassaladora. “No começo, *red pill* era só uma palavra, agora é um movimento.” Ela afirma que a violência digital frequentemente se transforma em física e destaca que a maioria dos autores de crimes de ódio contra mulheres tem entre 18 e 40 anos, uma geração marcada pelo ambiente digital. Embora o conteúdo de comunidades fechadas seja difícil de acessar, há uma “reação em cadeia”: quando ocorre um crime, outros rapidamente se seguem.

**MARJORIE MARONA**

Professora do Departamento de Estudos Políticos da UNIRIO. É coautora de *A Política no Banco dos Réus: a Operação Lava Jato e a Erosão da Democracia no Brasil*



# Quem teme a sabatina?

## ► Jorge Messias e o colapso das engrenagens políticas no Brasil

**A**turbulência em torno da indicação de Jorge Messias para o STF não é um episódio isolado de intriga institucional. Trata-se de um sintoma da deterioração do que um dia foi chamado de “presidencialismo de coalizão”. E, como tal, revela a fragilidade estrutural crescente da governabilidade no Brasil.

Historicamente, no Brasil pós-1988, o presidencialismo de coalizão configurou-se como um arranjo de poder pragmático: partidos múltiplos, fragmentados, sem maioria absoluta, exigiam do Executivo a construção de alianças para governar. Parte desse pacto informal incluía o apoio às indicações presidenciais para cargos de alta relevância, inclusive para o STF. Assim, o Senado sempre fez parte do “jogo da indicação”. A chamada “aprovação automática” dos nomes provenientes do Planalto não revelava submissão absoluta à vontade presidencial, mas a conformação de uma base de apoio sólida e estruturada e negociada. A dinâmica era conhecida, apoio parlamentar em troca de participação em cargos, liberação de emendas, acesso a recursos, centros de poder e influência institucional. Não por acaso, a nomeação de ministros ao Supremo sempre transitou num ambiente de barganha comum ao modelo, no qual o governo negociava com líderes partidários, que, por sua vez, mobilizavam bancadas. Esse mecanismo permitia certa previsibilidade institucional.

Havia lealdade coletiva e regras implícitas entre Executivo e Congresso.

O que vemos hoje, com a resistência do Senado à indicação de Messias, é justamente o oposto. A relutância não se explica apenas em termos do perfil técnico ou ideológico do indicado, refere-se a uma mudança estrutural no funcionamento das coalizões. A equivalência entre indicação de ministro e reafirmação da base de apoio perdeu validade. O chamado “pacote de apoio” virou mercadoria esgarçada.

**No centro desse** processo está uma transformação silenciosa, mas decisiva, a mudança na lógica de distribuição de recursos no Congresso. Com a descentralização de recursos e a autonomia maior dos parlamentares na gestão interna de verbas, o governo perdeu a capacidade de atrair e fidelizar bancadas por meio de controle direto sobre instrumentos de recompensa. O resultado é um Congresso que se comporta mais como um “balcão de negócios” – disperso, individualista, difícil de se articular por meio de lideranças partidárias. A centralidade dos líderes de bancada enfraqueceu, o Executivo não dispõe mais de instrumentos eficazes para garantir quóruns de apoio confiáveis e o que resta são negociações “homem a homem”, voto a voto, indicado a indicado. É nesse ambiente que a nomeação de Messias ao STF se choca com resistências incomuns.

Vale explicar como funciona o rito institucional. O presidente indica o nome, este é sabatinado pela Comissão de Constituição e Justiça do Senado e, se aprovado, vai a votação no plenário, onde precisa de maioria absoluta, ao menos 41 dos 81 senadores. Messias, atual minis-

tro da Advocacia-Geral da União (AGU) e figura de confiança do presidente Lula, preenche os requisitos constitucionais, mas, segundo relatos dos bastidores, seu nome sofre resistência, inclusive na base governista. O descompasso entre prerrogativas formais e dinâmica real revela algo essencial, o enfraquecimento da capacidade do Executivo de governar por meio de coalizões estruturadas. Indicar um ministro ao Supremo tornou-se um leilão de votos, inacessível para quem não possui capital individual (prestígio, influência pessoal ou apoio externo).

Em suma, a dificuldade de indicação de Messias é sobre a crise do arranjo institucional que tornava possível aliar governabilidade com institucionalidade, técnica e legitimidade. É explícita a degeneração do presidencialismo de coalizão, com suas trocas estruturadas sendo substituídas por negociações episódicas, voláteis, instáveis. E isso representa um problema maior do que o conflito em torno de um nome para o STF. Representa a falência de uma lógica de governabilidade e o risco de que, nas próximas sabatinas, o impulso pessoal ou eleitoral se sobreponha à construção de consensos duradouros.

O Brasil, assim, perde. Perde governabilidade, perde previsibilidade institucional e perde a chance de repensar, de forma consistente, o próprio arranjo de separação de poderes. A eventual rejeição de Messias seria um marco simbólico da desintegração da lógica de coalizão. E isso deveria acender um alerta sobre o que resta de institucionalidade em nosso regime de governo. Pois, no fim das contas, a crise de uma indicação é o espelho de uma crise de modelo político. •

[redacao@cartacapital.com.br](mailto:redacao@cartacapital.com.br)



# Boi sustentável

**ENTREVISTA** Protocolo Carne Baixo Carbono pode reduzir as emissões da pecuária em 35%, afirma presidente da Embrapa

**P** principal referência em pesquisa agropecuária no Brasil, a Embrapa marcou presença na 30ª Conferência da ONU sobre Mudanças Climáticas, realizada em novembro, em Belém. A empresa pública aproveitou os holofotes da COP30 para apresentar um plano de transição rumo a uma agricultura mais sustentável, com recuperação de áreas degradadas, e lançar a certificação Carne Baixo Carbono (CBC), selo que reconhece práticas pecuárias capazes de reduzir as emissões de gases de efeito estufa. Em entrevista à repórter **Fabíola Mendonça**, a presidente da estatal, **Silvia Massruhá**, comenta essas iniciativas, a recente autorização da Anvisa para pesquisas com *cannabis* e promissores estudos conduzidos por sua equipe.

**Carta Capital:** Durante a COP30, a Embrapa criou um espaço temático, a Agrizone, para destacar iniciativas voltadas à agricultura sustentável no mundo inteiro. Que balanço a senhora faz dessa iniciativa?

**Silvia Massruhá:** Criamos a Agrizone para discutir os desafios da agricultura sustentável e mostrar que contamos com tecnologias de curto prazo, além de estratégias avançadas para uma produção de baixo carbono e regenerativa. É preciso produzir e preservar ao mesmo tempo, utilizando soluções para adaptação

e mitigação das mudanças climáticas. O espaço contou com 400 eventos paralelos, apresentando inovações para diferentes setores e propostas adaptadas a pequenos, médios e grandes produtores.

**CC:** Uma das propostas divulgadas pela Embrapa na COP30 foi a certificação Carne Baixo Carbono (CBC). Do que se trata?

**SM:** Trabalhamos com protocolos que

**Ciência de ponta.** “Analisamos desde o melhoramento genético até a gestão das pastagens, sempre com o objetivo de reduzir as emissões de metano”, explica





identificam cultivares (variedades de pastagens) mais adaptadas e resistentes a estresse e doenças, além de modelos de sistemas de produção consorciados ou integrados que sequestram mais carbono. Esse trabalho envolve não apenas a carne bovina, que está mais avançada nas pesquisas, mas também a produção de trigo, leite e soja. Analisamos desde o melhoramento genético até a gestão das pastagens, sempre com o objetivo de reduzir a emissão de metano. A partir desses protocolos, criamos guias de referência para a produção de carne de baixo carbono e desenvolvemos o selo CBC, que deve chegar às gôndolas dos supermercados em meados de 2026, certificado pela Embrapa. Apresentamos também o café amazônico cultivado em

sistemas agroflorestais. Mostramos ainda os resultados do Sistema Guaxupé, que permite intensificar a atividade pecuária com pastagens de alta performance. Desenvolvido há mais de 25 anos na Amazônia, ele se baseia em consórcios de gramináceas e leguminosas. Nesse modelo, é possível reduzir em 35% a emissão de gases de efeito estufa. Nosso trabalho segue

**“O selo CBC deve chegar às gôndolas dos supermercados em meados de 2026”, diz Silvia Massruhá**

uma jornada de agricultura de baixo carbono e de base biológica, integrando práticas regenerativas que contribuem para soluções diante das mudanças climáticas.

**CC:** A Embrapa tem recebido o apoio do agronegócio nessa agenda de migração para uma agricultura mais sustentável?

**SM:** Na Agrizone, estavam presentes tanto a agricultura familiar quanto o agronegócio. Essa plataforma de baixo carbono é debatida com todos os tipos de produtores: pequenos, médios e grandes. O diferencial da Embrapa, como empresa pública de ciência neutra, é apresentar tecnologias adaptadas a diferentes biomas e realidades de produção. Trabalhamos de A a Z, do açaí ao zebu, e foi isso que mostramos na COP30. Um estudo recente indica que o



novo consumidor está cada vez mais atento à nutrição e à saúde, quer saber a origem dos alimentos. Por isso, além da sustentabilidade, buscamos desenvolver mecanismos de rastreabilidade que garantam transparência em toda a produção. Os produtores já percebem que essas informações são essenciais também para o mercado interno, não apenas para exportação.

**CC:** Recentemente, a Anvisa autorizou a Embrapa a realizar pesquisas com *cannabis*. Quais os próximos passos?

**SM:** A Embrapa é muito demandada justamente pelo seu rigor científico. Trabalhamos com melhoramento genético, germoplasma, micro-organismos e outras áreas integradas, sempre com alto padrão, reconhecido internacionalmente. Há uma grande discussão sobre a organização de um banco de germoplasma de *cannabis* no Brasil, tanto para fins medicinais quanto para o cânhamo industrial, que pode gerar fibras e estimular a bioeconomia. Nossa entrada nesse campo depende de aval da Anvisa e de uma estrutura organizada que permita uma contribuição efetiva. O compromisso é criar um sistema que garanta rastreabilidade dos cultivares utilizados para esses dois fins. Com a autorização concedida, já foi formado um gru-

## “O novo consumidor está cada vez mais atento à nutrição e à saúde, quer saber a origem dos alimentos”

po de trabalho que levantou prioridades e definiu como e onde iniciar as pesquisas.

**CC:** Como a Embrapa pode contribuir para o reflorestamento dos biomas?

**SM:** Temos tecnologia para restauração e conversão de áreas desmatadas. Em um estudo realizado em 2023, identificamos que o Brasil possui 160 milhões de hectares de pastagens, dos quais 40 milhões apresentam degradação média ou severa. Essas áreas têm potencial agrícola. Desse 40 milhões de hectares, espalhados pelos 27 estados, é possível restaurar em torno de 12 milhões. Para cada região, desenvolvemos modelos específicos que analisam a saúde do solo – com tecnologia da Embrapa – e indicam as espécies mais adequadas para plantio. Esse trabalho integra o programa Caminho Ver-

de Brasil, do Ministério da Agricultura.

**CC:** No Congresso, a bancada ruralista tem desfigurado a legislação ambiental. Existe realmente empenho do agronegócio em buscar uma atividade mais sustentável?

**SM:** Há uma conscientização crescente entre os produtores, não porque são bonzinhos, mas para atender ao modelo de negócios deles e conseguir abrir mercados no exterior. Em 50 anos, nossa área plantada cresceu 140%, enquanto a produtividade em grãos aumentou 580%. O Brasil e a Embrapa têm sido muito demandados na cooperação Sul-Sul, transferindo tecnologia para países da África, a Indonésia e a Índia, que importam muitos alimentos, beneficiando os produtores daqui. A Embrapa, como empresa de Estado, não se envolve em questões ideológicas. Nosso foco é gerar tecnologia para práticas de agricultura regenerativa. Nas enchentes do Rio Grande do Sul, por exemplo, os produtores que adotaram tecnologias sustentáveis recomendadas pela Embrapa sofreram menos prejuízos. Isso demonstra que há, sim, consciência do setor sobre a importância da sustentabilidade.

**CC:** Existem outras iniciativas que gostaria de destacar?

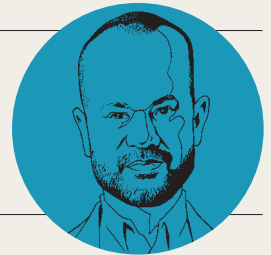
**SM:** Pelo programa Caminho Verde Brasil, assinamos um contrato com o governo japonês para recuperar 40 milhões de hectares de áreas degradadas em dez anos – o que levamos 52 anos para abrir, queremos resgatar em apenas uma década, utilizando tecnologias da Embrapa. Também pré-aprovamos um projeto de pecuária sustentável no Brasil, apoiado por fundos filantrópicos, com investimento de 60 milhões de dólares, que terá grande impacto. Além disso, na COP30, lançamos o AgForest Lab, um “laboratório vivo” voltado à Amazônia, destinado a criar um ecossistema de inovação que fortaleça a bioeconomia, gere renda, preserve o meio ambiente e promova produção sustentável, em parceria com empresas e comunidades locais. •



**Agrizone.** A empresa pública apresentou soluções de agricultura regenerativa na COP30

## RENATO MEIRELLES

Comunicólogo, presidente do Instituto Locomotiva e fundador do Data Favela, autor de *Um País Chamado Favela* e *Como Ser uma Empresa Antirracista*



# A blusinha que sai cara

## ► Brasileiros querem isonomia tributária na disputa com empresas estrangeiras e incentivo à produção nacional

No Brasil, até para comprar uma blusinha na internet a gente esbarra na velha pergunta: quem está pagando essa conta? Quando o consumidor vê um produto vindo do outro lado do mundo custar menos do que aquele da loja do bairro, não é milagre do aplicativo. É desequilíbrio de regras. Em economia, “desconto mágico” quase sempre significa alguém subsidiando alguém. E, nesse caso, quem banca a diferença é o emprego aqui e a arrecadação que paga escola, saúde e transporte.

Pesquisa recente do Instituto Locomotiva, em parceria com a ABVTEX, joga luz nesse nó tributário. Ao contrário da teoria de que “o povo quer tudo barato, não importa de onde venha”, os números mostram outra coisa: o brasileiro quer justiça nas regras. E, se tiver algum benefício, ele acha que deve ser para quem produz e gera emprego no País, não para as gigantes estrangeiras.

Começamos pelo básico: 83% dos brasileiros consideram injusto que produtos fabricados no Brasil paguem mais impostos do que os produzidos em outros países. E 85% dizem que é errado que aquilo que é feito e vendido aqui seja mais tributado do que o que é fabricado lá fora e importado por sites internacionais. Não é detalhe técnico, é senso de justiça tributária.

Quando se pergunta como deveria ser a cobrança, a resposta vem sem rodeios:

61% defendem que os produtos nacionais paguem menos impostos do que os importados, 27% aceitariam que paguem o mesmo, apenas 12% acham certo pagarem mais. Em outras palavras: a população não pede privilégio, mas isonomia com um empurrãozinho a favor de quem gera emprego aqui.

A percepção de dano econômico é generalizada. Para 81%, é ruim para a economia brasileira que empresas estrangeiras paguem menos impostos do que as nacionais. E 80% concordam que, quando se cobram mais impostos das nossas empresas do que das estrangeiras, a economia do País é prejudicada. Não é teoria, é leitura do dia a dia de quem vê loja fechar e amigo perder o emprego.

**Daí para o mercado** de trabalho é um pulo. Para 78%, se os produtos fabricados e vendidos no Brasil pagarem mais impostos que os estrangeiros, estamos incentivando empregos fora do País e correndo o risco de reduzir o emprego dos brasileiros. Outros 75% vão além: cobrar mais das nossas empresas tira emprego e renda dos trabalhadores. E 74% dizem ter medo de que o próprio trabalho ou renda sejam prejudicados se essa desigualdade continuar.

Ao mesmo tempo, 86% concordam que, num mundo em que cada vez mais países defendem suas economias, o Brasil deveria fazer o mesmo. E isso não é um pedido por muro, é um pedido por coerência. Para 79%, os governantes deveriam trabalhar pela competitividade das empresas brasileiras. E 84% defendem que o governo promova medidas para proteger e desenvolver a indústria e o varejo do País, sem cobrar mais impostos das empresas nacionais do que das estrangeiras.

Aí fica evidente o tamanho do erro de quem, em Brasília, acredita que isentar as

plataformas internacionais de pagar impostos rende algum benefício político. A pesquisa mostra que mais de oito em cada dez eleitores afirmam que não votariam em um candidato que defenda dar privilégios a empresas estrangeiras em comparação às brasileiras. A questão não é só tributária, é também de proteção ao consumidor. Nada mais lógico: se o varejo nacional é cobrado por Inmetro, Anvisa e Código de Defesa do Consumidor, 89% dos brasileiros acham que os produtos importados vendidos aqui também devem obedecer a esses mesmos padrões. E não é paranoia: 75% concordam que muitos consumidores são enganados por produtos piratas ou falsificados vendidos em plataformas internacionais.

Mesmo assim, ninguém propõe fechar a porta ao mundo. A maioria dos internautas fez compras em sites internacionais nos últimos três meses. Os dados contam uma história simples, que o debate público insiste em complicar: o problema não é o consumidor poder escolher entre o que vem daqui e o que vem de fora. O problema é o Estado tratar melhor quem não gera emprego aqui do que quem paga salário, aluguel, imposto e folha no Brasil. O brasileiro não quer ser proibido de comprar lá fora. Quer deixar de ser feito de bobo aqui.

No fim, a verdadeira “taxa das blusinhas” não é a que aparece na tela do celular. É a conta social de escolher, com isenções e brechas, entre fortalecer quem produz no País ou subsidiar o avanço de plataformas que tratam o Brasil apenas como mercado, não como casa. E, diante dessa escolha, a pesquisa é clara: a população já sabe de que lado está, do lado da isonomia tributária, do emprego e do orgulho de dizer, na ceia de Natal: “Esse presente aqui é brasileiro”. •

[redacao@cartacapital.com.br](mailto:redacao@cartacapital.com.br)



# TROMBETAS E FESTAS 2025 destaca o caráter profético das celebrações bíblicas



**COM TRANSMISSÃO PARA MAIS DE CEM PAÍSES, A MENSAGEM DA IGREJA MARANATA ALCANÇOU MILHÕES DE HABITANTES NOS CINCO CONTINENTES**

**A** 5ª edição do Trombetas e Festas 2025, realizada no sábado 29 pela Igreja Cristã Maranata, ressaltou as festas bíblicas descritas no capítulo 23 do livro de Levítico, um conjunto de celebrações antigas do povo de Israel que trazem significado espiritual atual para os cristãos. Um dos maiores eventos evangélicos do mundo, o encontro reuniu 2 mil convidados, entre fiéis, pastores e autoridades, no Maanaim de Carapina, no município capixaba de Serra, com transmissão para mais de cem países via satélite, tevê aberta, rádios, internet e plataformas de *streaming*. Ao todo, a mensagem de fé e esperança alcançou milhões de pessoas nos cinco continentes.

Em Levítico 23, o Senhor estabelece cinco celebrações, nas quais o povo de Israel deveria dedicar-se de forma

especial à santidade e à comunhão com Ele. Essas celebrações – o Sábado, a Páscoa, a Festa das Semanas (Pentecostes), o Dia da Expição e a Festa das Cabanas – funcionavam como marcos espirituais na vida religiosa do povo. Para a Maranata, cada um desses ritos carrega um significado profético que ultrapassa o contexto histórico de Israel e aponta para acontecimentos espirituais atuais.

Segundo a Igreja, essas festas oferecem uma chave para interpretar o atual cenário de crises, catástrofes e instabilidade como sinais do arrebatamento e da proximidade da volta de Jesus. Para o pastor Alexandre Gueiros, que assumiu a liderança da Maranata após o falecimento do fundador Gedelti Gueiros, neste ano, as celebrações bíblicas são reinterpretadas à luz do Evangelho como mensagens de esperança, fé e preparo espiritual. Ele ressaltou que as trombetas simbolizam os alertas de Deus em um mundo cada vez mais conturbado. Mesmo diante dos desafios globais, a Igreja mantém viva a esperança da salvação e da vida eterna. O mal pode estar à espreita, mas o bem de Deus sempre prevalece, acrescenta.

Essa dimensão espiritual se reflete na realização concreta do evento, conduzido neste ano pelo presidente da ICM, Alexandre Gueiros, ao lado dos pastores Gerson



### PARCEIROS DE LONGA DATA

O governador Renato Casagrande enalteceu o trabalho social da Igreja, agora sob a liderança do pastor Alexandre Gueiros

Beluci e Marcelo Ferreira. Estiveram presentes o governador Renato Casagrande e o vice, Ricardo Ferraço, além dos prefeitos Lorenzo Pazolini (Vitória), Weverson Meireles (Serra, sede do encontro) e Euclério Sampaio (Cariacica). Também participaram o deputado federal Evair de Melo; os deputados estaduais Capitão Assunção, Hudson Leal e Marcelo Santos, este último presidente da Assembleia; representantes do Exército Brasileiro, como o coronel Marcus Aurélio, oficial do Estado-Maior do Comando Militar do Planalto; e o procurador-geral de Justiça do Ministério Público do Espírito Santo, Francisco Berdeal.

"A Igreja sempre foi parceira do governo do estado desde a sua fundação e ampliou ainda mais essa relação à medida que se organizou e se expandiu pelo mundo", comentou o governador capixaba, Renato Casagrande. "A Maranata desenvolve um trabalho social muito forte nas áreas de saúde, meio ambiente e assistência social e, somado aos valores cristãos, contribui para uma sociedade mais equilibrada de forma geral."

Estudante do Ensino Médio, Sara Tristão participou do Trombetas e Festas e acredita que o encontro foi inspirado por Deus para alertar a humanidade sobre sinais bíblicos, como terremotos, fome e pestes, indicativos da volta de Jesus. Segundo ela, a iniciativa busca despertar aqueles que estão "dormindo", para que todos permaneçam preparados e firmes no propósito, aguardando com confiança a volta de Cristo.

Entre os colaboradores do encontro estão os integrantes da Brigada de Incêndio, formada por bombeiros militares, policiais militares aposentados e brigadistas, responsáveis por garantir a segurança do público. O coordenador-geral, Elias Teodoro Beltrame, explica que esse trabalho é uma forma de gratidão e de contribuir para a propagação do Evangelho. Para esta edição, a equipe contou com 28 voluntários, embora a brigada possua mais de cem participantes em todo o estado.

A Maranata tem realizado congressos e seminários em diversos países, como Filipinas, Indonésia, Chile e Canadá, e já desenvolveu atividades em mais de 90 nações. Para o próximo ano, a Igreja planeja manter o Trombetas e Festas, além de eventos menores conduzidos no Brasil e no exterior. O pastor Gerson Beluci ressalta que o legado do fundador Gedelti Gueiros, falecido neste ano, continuará a ser cultivado: "Não podemos parar. Continuaremos pregando o Evangelho ainda mais, aproveitando a disponibilidade das mídias para alcançar diferentes lugares do mundo".

## REDES SOCIAIS E CANAIS DA IGREJA CRISTÃ MARANATA



### TV MAANAIM – ABERTO VIA SATÉLITE

CANAL 126 – SIST. RO-EMBRATEL  
CANAL 87 – SKY LIVRE

### TV MAANAIM – 24H

APP DA RÁDIO MAANAIM  
youtube@IgrejaCristaMaranataOficial

### TV MAANAIM – TV TERRESTRE

CANAL 16.2 (ESPÍRITO SANTO)

### TV MAANAIM – PORTUGAL – MEO

CANAL 187



### RÁDIO

#### RÁDIO MAANAIM – ON LINE

www.radiomaanaim.com.br

#### RÁDIO MAANAIM – SATÉLITE

CANAL 381 – SIST. RO-EMBRATEL

#### RÁDIO MAANAIM FM – MG

FM 100,3 – DIONÍSIO – MG



### REDES SOCIAIS

#### IGREJA CRISTÃ MARANATA

instagram.com/igrejacistamaranata\_oficial

youtube.com/igrejacistamaranataoficial  
facebook.com/igrejacistamaranata

#### RÁDIO MAANAIM

instagram.com/radiomaanaim  
facebook.com/radiomaanaim



### 0800 – PROJETO DE ASSISTÊNCIA ESPIRITUAL

BRASIL – LIGAÇÃO GRATUITA  
0800 707-3076

#### EXTERIOR – WHATSAPP

+55 27 99309-1405





# Um passo civilizatório

**DESIGUALDADE** A pobreza, ainda infame, atinge o menor patamar da série histórica

**E**m 2024, os níveis de pobreza e extrema pobreza atingiram o menor patamar da série histórica iniciada em 2012, anunciou o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística na terça-feira 3. A parcela da população em extrema pobreza recuou de 4,4% para 3,5%. Restam 1,9 milhão de compatriotas nessa situação. No caso da pobreza, a queda foi mais expressiva, de 27,3% para 23,1%, ou 8,6 milhões de brasileiros. O avanço civilizatório não foi produzido apenas pelos programas sociais tipo Bolsa Família. “Mais de 70% da renda domiciliar *per capita* vem do trabalho. Quando o mercado de trabalho está dinâmico, isso impacta diretamente na renda das famílias”, afirmou André Geraldo de Moraes Simões, pesquisador do IBGE, durante a apresentação dos resultados.

Um estudo recente do Ipea, intitulado *Pobreza e Desigualdade no Brasil no Curto e no Longo Prazo*, de Pedro H. G. Ferreira de Souza e Marcos D. Hecksher, vai um pouco além e reúne dados impressionantes sobre a queda da pobreza no Brasil nos últimos 30 anos. O País “melhorou bastante”, atestam os autores do estudo. Nas três décadas entre 1995 e 2024, a renda média cresceu cerca de 70%, o coeficiente de Gini recuou qua-

se 18%, e a taxa de pobreza extrema baixou de 25% para o patamar atual nas pesquisas domiciliares. Um progresso, acrescentam os pesquisadores do Ipea, não linear e concentrado em dois períodos bem demarcados, os anos entre 2003 e 2014 e, mais recentemente, a retomada pós-pandemia entre 2021 e 2024.

**Um gráfico do estudo** mostra que a renda média aumentou nos governos petistas, estagnou durante o período de Temer, caiu na gestão Bolsonaro e voltou a subir com Lula 3. Os autores destacam a importância das políticas sociais, especialmente o Bolsa Família e o BPC, para reduzir a miséria. Sem esses programas, a taxa de extrema pobreza seria de 11,2%. Os aumentos reais do salário mínimo, ocorridos nos governos do PT, não são mencionados.

Os dados mostram que, no período considerado, a renda média domiciliar *per capita* caiu no governo FHC, de 1.191 para 1.141 reais. E cresceu nas gestões de Lula e Dilma, de 1.141 para 1,8 mil reais.

**A queda no desemprego foi um fator essencial**






**Impacto.**

Os programas sociais têm peso, mas 70% da melhora na renda no ano passado deve-se à criação de postos de trabalho

Depois, estabiliza nos governos Temer e Bolsonaro, cai bastante na pandemia, sobe com o auxílio emergencial oferecido à época e volta a subir com Lula.

Em relação ao coeficiente de Gini, prossegue o economista, a lógica é a mesma. O índice mede a concentração de renda e varia de 0 a 100: quanto maior o número, maior a desigualdade. Em 1960, o Gini brasileiro estava em torno de 50. Na década de 1970, em meio ao “milagre econômico”, subiu para 60 e permaneceu nesse patamar elevado até o início dos anos 2000. A queda significativa ocorre no governo Lula, quando passou de 59 em 2003 para 52 em 2014. Com Temer, volta a subir. E só volta a cair de novo na pandemia, por conta dos progra-



mas emergenciais, e na gestão Lula em 2023 e 2024. Os autores do trabalho fazem essa distinção de passagem.

O trabalho não escapa, porém, de críticas. Nas considerações finais, há o que parece ser um tributo ao Plano Real como o marco inicial do processo de melhora. Um papel duvidoso, pois, sublinha o economista Eduardo Fagnani, “a desigualdade piorou no período considerado do plano, a renda *per capita* se deteriorou e a pobreza se manteve em patamar elevadíssimo”.

“O estudo do Ipea é importante. A redução da pobreza e a melhora das condições sociais, isso tudo é muito relevante e eles estão frisando. Este é o ponto fundamental”, afirma o economista Waldir Quadros, professor aposentado do Instituto de Economia da Unicamp e pesquisador do Cesit. O trabalho periodiza até 2014, depois o governo Dilma, o período Temer, até chegar no de Bolsonaro, aí vem a pandemia, “um arrasa-quarteirão”. No último ano de governo, Bolsonaro eleva o

## Um estudo do Ipea mapeia a queda da pobreza em 30 anos

gasto público, por isso, em 2021, a economia dá uma melhorada e, em 2022, entra no terceiro governo Lula. “No geral, está certo”, prossegue Quadros. “Tenho duas observações. A primeira delas é que os autores falam, e insistem, em redução da desigualdade social. Eu acho que não dá para concluir isso a partir dos dados utilizados. Na verdade, penso que ocorreu o contrário, apesar de a situação ter melhorado, principalmente nas camadas populares. Os ricos não estão representados na PNAD. Como reduziu a desigualdade se não tem rico no universo pesquisado? Então é uma redução entre os não ricos”, conclui Quadros, autor de importante série de estudos de mobilidade que se diferenciam dos demais por levarem em conta

que a renda dos inquéritos domiciliares é declaratória, sem comprovação. Uma particularidade que conduz à subdeclaração nas camadas superiores de renda.

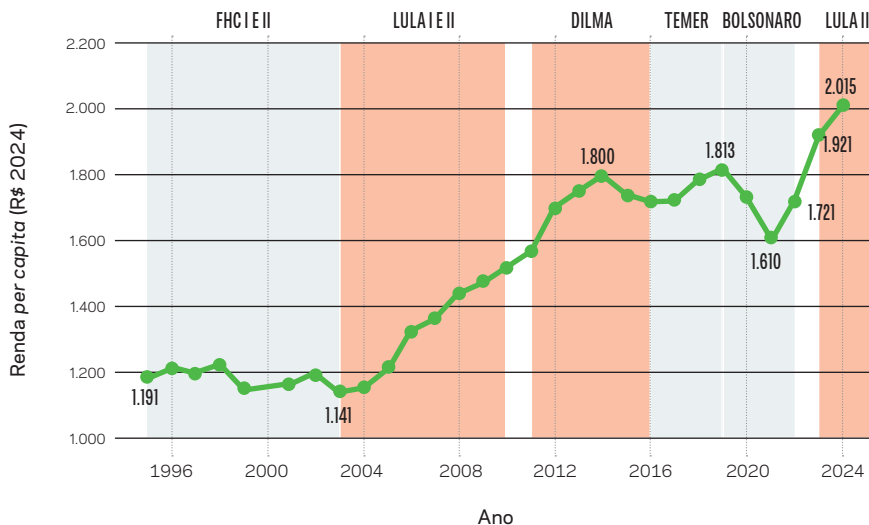
“Claro que há um avanço, mas não é redução de desigualdade. O termo é inapropriado”, sintetiza Quadros. A mesma limitação se manifesta na melhora do índice de Gini, apurado com “uma renda declarada em que não entra rico”. O economista resalta ainda o fato de os autores do estudo afirmarem que “uma parte da melhora foi pelas políticas sociais. Corretíssimo. Mas eles não mencionaram, pelo menos eu não vi na minha leitura, o salário mínimo, acima da inflação”. Uma busca pelo termo aponta que o texto não menciona salário mínimo. Para Quadros, “o aumento real do salário mínimo foi a principal política social. Muito mais do que o Bolsa Família. Segundo a minha metodologia, esse programa não tira ninguém da extrema pobreza, fica apenas uma miséria assistida. Que foi muito importante, e novamente tirou o Brasil do Mapa da Fome. Tem benefícios, e não precisa ficar insistindo nisso. Mas não dá para falar de políticas sociais sem mencionar o salário mínimo”, resalta o professor.

Um fator decisivo, não considerado pelos autores do trabalho “e por mais ninguém”, é a desindustrialização ocorrida no período. “É por causa da desindustrialização que nós estamos nessa situação de baixa performance. Melhora, mas melhora dentro de uma situação muito precária”, frisa Quadros. Sem indústria, observa, “não tem emprego de qualidade, fica esse rame-rame. Tem muita informalidade, muito trabalho de quebra-galho”.

“O trabalho é muito bom, só que, como se considera o período de 1995 a 2024, quando você analisa no detalhe, percebe que as melhoras não ocorrem de forma homogênea e constante no período todo”, destaca Fagnani. “Na forma como os dados são apresentados, é como se esses indicadores tivessem uma evolução constante ao longo de três décadas. Não é verdade”. •

### A PARCELA DE CONTRIBUIÇÃO DE CADA PRESIDENTE

Variação da renda domiciliar *per capita*



Fonte: Nota Técnica N° 120 do Instituto de Pesquisa Econômica Avançada

Observação: a retomada em 2021 está relacionada a estímulos à economia na maior parte dos países, no pós-pandemia

## ADALBERTO VIVIANI

Consultor de marketing e comunicação  
especializado em bens de consumo



# O chocolate de MrBeast

## ► A Feastables prepara sua aterrissagem no Brasil

**A** Feastables, marca de chocolates criada pelo *youtuber* norte-americano MrBeast (Jimmy Donaldson) em 2022, prepara sua entrada oficial no Brasil. Lançada nos Estados Unidos com a proposta de oferecer chocolates de poucos ingredientes e apelo *premium*, a empresa tornou-se um fenômeno comercial. No ano seguinte, registrou mais de 10 milhões de dólares em vendas. Em 2024, consolidou-se como uma das marcas que mais crescem no mundo. A expansão levou os produtos ao Canadá, México, Reino Unido, Austrália, Nova Zelândia, Índia e países da África, apoiada na influência digital de MrBeast.

A chegada ao Brasil foi confirmada por meio de um acordo de distribuição com o Grupo Shopper, responsável por estruturar a importação e a logística. A estratégia repete o modelo internacional: forte presença digital, engajamento com o público jovem e posicionamento de “chocolate *premium* com narrativa de *creator*”. A campanha de lançamento começou nas redes sociais, mas a data exata ainda não foi divulgada. Com a antecipação nas redes sociais, a Feastables tenta replicar o efeito observado no exterior. Grandes volumes vendidos em pouco tempo e forte ativação com fãs.

### Paulista popular

Inaugurada em 1891, a Avenida Paulista já foi o endereço da elite cafeeira, marcada por mansões que simbolizavam o auge econômico do período. Depois foi centro

financeiro e agora vive uma nova transformação. Tornou-se uma avenida do varejo popular. O movimento ganha força com a chegada de duas redes, Lojas Mel e Torra.

A Mel, fundada em 2009 em São Paulo, é conhecida por seu modelo de preços baixos e grande sortimento em moda feminina, masculina e infantil. A rede acelerou a expansão nos últimos anos e hoje soma mais de 70 unidades em capitais e cidades de médio porte do Sudeste e Nordeste, focando em roupas e calçados acessíveis.

A Torra, criada em 1992 no Brás, consolidou-se como uma das maiores varejistas de moda popular do País, com cerca de 90 lojas distribuídas por 17 estados. Seu portfólio inclui vestuário, moda íntima, calçados, acessórios e itens para o lar, combinando preços competitivos e alto giro de coleções. A rede inaugurou a unidade na Paulista, no fim de novembro, com a ambição de ampliar sua presença em corredores *premium*.

A presença simultânea da Mel e da Torra reforça a mudança estrutural da avenida, que amplia sua vocação varejista e passa a abrigar marcas que buscam visibilidade, volume de consumidores e proximidade com diferentes perfis de público.

### Changan

Se você nunca ouviu esse nome, em breve não vai mais esquecê-lo. É a nova marca de veículos do Grupo Caoa, que tem sempre estratégias de marketing agressivas, no Brasil. A Changan surgiu em 1862 e se estabeleceu como uma das maiores montadoras da China, vendendo em torno de 2,6 milhões de veículos por ano e operando em dezenas de países, com *joint ventures* com a Ford e a Mazda. A marca expandiu a presença internacional com foco em tecnologia embarcada, eletrificação e design.

No Brasil, a operação começa com modelos elétricos da submarca Avatr. O Avatr 11, primeiro lançamento, é um SUV de até 578 cavalos e quase 680 quilômetros de autonomia, em pré-venda desde novembro de 2025. O Avatr 12, um sedã cupê elétrico, chega em seguida. Para 2026, a estratégia prevê a introdução dos SUVs UNI-T e CS75 Plus, que devem ser produzidos em Anápolis (GO). Os preços oficiais ainda não foram divulgados, mas o Avatr 11 deve competir com os elétricos da BMW e Mercedes.

### Biotech

A chinesa Sinovac Biotech deu um passo estratégico no mercado latino-americano ao firmar dois acordos de Parceria para o Desenvolvimento Produtivo (com o Ministério da Saúde, em um programa de dez anos avaliado em mais de 700 milhões de dólares. A empresa, conhecida mundialmente por sua atuação em biotecnologia e por desenvolver vacinas com alta complexidade tecnológica, torna-se a primeira fabricante chinesa a conquistar um PDP no Brasil.

Fundada em 2001 em Pequim, a Sinovac consolidou-se como referência global em pesquisa, biossegurança e capacidade de resposta rápida a surtos, tendo desempenhado papel central no combate à Covid-19. Seu portfólio inclui imunizantes contra hepatite A, influenza, enterovírus e varicela.

Pelo acordo, a empresa atuará em conjunto com o Instituto Tecpar e a Eurofarma, para criar uma plataforma de desenvolvimento e produção de vacinas. A projeção é que, ao longo da próxima década, sejam fornecidas cerca de 60 milhões de doses em território brasileiro. •

[redacao@cartacapital.com.br](mailto:redacao@cartacapital.com.br)



# A hora e vez das superbaterias

**ENERGIA** O Brasil prepara um leilão para integrar o armazenamento ao sistema elétrico e reorganizar a operação da rede

POR ALLAN RAVAGNANI

O Brasil aprendeu a gerar energia limpa em escala. Usinas solares se multiplicaram na última década e parques eólicos redeseenharam a paisagem do Nordeste, criando uma matriz ainda mais diversificada. Uma questão permaneceu, porém, em aberto, o País ainda não encontrou uma forma eficiente de guardar a energia produzida pelo sol do meio-dia ou pelo vento da madrugada. Sem um sistema capaz de deslocar essa geração para os horários de maior consumo, parte do recurso renovável se perde, a rede opera sob estresse e as térmicas continuam a ser acionadas para equilibrar o sistema.

Enquanto a geração renovável cresce, o sistema elétrico passou a enfrentar o desafio de acomodar volumes cada vez maiores de energia produzidos fora dos horários de consumo. Hidrelétricas reduziram a geração para evitar sobrecarga da rede e parques solares passaram a lidar com cortes frequentes, fenômeno que ganhou escala no Nordeste. A operação diária passou a depender de ajustes constantes, e a ausência de um mecanismo de armazenamento tornou evidente a necessidade de uma nova etapa de planejamento.

A contratação de sistemas de armazenamento em larga escala marca um pon-

to de virada da política energética brasileira. O leilão de capacidade previsto para abril de 2026 será o primeiro a tratar as superbaterias como partes estruturantes da operação da rede. Para Rubens Brandt, CEO do Grupo Energia, esta é a chave para entender o momento: o sistema produz muito, mas consome em outra hora. O resultado é um volume grande de *curtailment* e uma dependência das termelétricas para manter a estabilidade nos casos de oscilações bruscas. A função do armazenamento, diz, é deslocar energia entre períodos de sobra e períodos de necessidade, de forma a reduzir cortes, proteger a operação e diminuir os custos.

**A leitura jurídica** segue na mesma direção. As advogadas Ana Karina Souza, Stefanie Olives e Camila Galvão, do escritório Machado Meyer, explicam que o leilão será um primeiro teste institucional, pois o armazenamento só funcio-

**O objetivo é aproveitar melhor a eletricidade gerada por parques eólicos e solares**



na quando parâmetros de disponibilidade, regras de degradação e critérios de desempenho refletem as condições reais de operação da rede. Para elas, o momento é crítico e exige uma resposta rápida para manter a estabilidade. O problema, dizem, não está na falta de oferta, mas na falta de flexibilidade para usar a energia que o sistema possui. Do lado tributário, os especialistas do escritório destacam que a estrutura de custos influencia diretamente a viabilidade dos projetos. Apontam que a combinação de isenções – IPI, PIS/Cofins e a possibilidade de alíquota zero no Imposto de Importação – reduz o Capex em um setor marcado por carga tributária próxima de 70% sobre equipamentos importados.

A dimensão prática também pesa. Segundo análises do setor, a implantação de grandes parques de baterias hoje leva entre 18 e 24 meses, prazo que aparece nos estudos apresentados por fabricantes ao governo e nas projeções da Empresa de Pesquisa Energética. O gargalo raramente está na obra civil, reforça



**Antes tarde.** O Brasil chega atrasado, mas terá acesso a tecnologias mais maduras, diz Brandt, do Grupo Energia

Brandt. Os maiores riscos estão na importação dos equipamentos, no processo de conexão à rede e na disponibilidade de transformadores, disputados globalmente após os Estados Unidos ampliarem restrições ao material chinês.

**Outro ponto** decisivo é a localização dos sistemas. A tecnologia não será tratada como extensão de usinas solares ou eólicas, mas como um recurso sistêmico posicionado em barramentos estratégicos. Documentos da EPE e diretrizes do Operador Nacional do Sistema apontam exatamente nessa direção: o valor da bateria está em reforçar trechos da rede onde há variações de fluxo, congestionamentos ou necessidade de resposta instantânea. Brandt, que acompanha a dinâmica da transmissão no Nordeste e no Centro-Oeste, afirma que muitos cortes hoje não decorrem da falta de linhas, mas da incapacidade de absorver oscilações rápidas de geração. As superbaterias funcionam como amortecedores que suavizam essas variações

e reduzem o acionamento de térmicas.

A presença internacional começa a moldar o setor. A Nota Técnica 138 do Ministério de Minas e Energia, ao citar estudos da Agência Internacional de Energia, coloca China e Estados Unidos na liderança global dos sistemas de armazenamento. Fabricantes chineses dominam a cadeia pela escala, enquanto fornecedores norte-americanos e europeus atuam onde certificações específicas exigem padrões rigorosos. O Brasil importa equipamentos e integra soluções com base na estrutura global existente. Fábio Bortoluzo, CEO da Atlas Renewable Energy no Brasil, observa que o País chega atrasado, mas em um momento no qual as tecnologias estão mais maduras. A empresa opera BESS no Chile e considera que o Brasil tende a seguir trajetória semelhante, desde que o arcabouço regulatório permita remunerar serviços de frequência, potência rápida e controle de tensão.

Do lado da demanda, o mercado privado começa a se reorganizar. Brandt relata que comercializadoras estão empenha-

das em estruturar projetos para clientes comerciais e industriais interessados em suavizar picos de consumo e reduzir custos associados à ponta. Indústrias eletrointensivas, *data centers*, operadores logísticos e varejistas aparecem entre os setores que estudam soluções próprias, com ou sem geração solar associada. Em paralelo, geradores renováveis enxergam no armazenamento uma forma de reduzir o *curtailment* e aumentar a previsibilidade da entrega.

O leilão de 2026 será a primeira medida do apetite do setor. As análises técnicas falam em algo entre 2 e 8 gigawatts-hora, distribuídos em projetos de diferentes portes. O número definitivo dependerá do desenho regulatório e da remuneração dos serviços prestados, mas o consenso entre especialistas é de que a contratação inaugura uma nova fase para o SIN. Depois de anos investindo em geração renovável, o País volta-se agora para a flexibilidade, a engrenagem que faltava para usar, sem desperdício, a energia produzida. ●



# Clima, crédito e pequenos negócios

Nova plataforma integra capacitação, ferramenta para estruturação de projetos e financiamento climático para pequenos e médios negócios

O expediente ainda não tinha terminado quando a água começou a subir pela porta da pequena loja de bairro. Minutos antes, uma tempestade forte havia caído sobre a cidade, alagando as ruas próximas e impedido funcionários e clientes de chegar. Em outro canto do País, um produtor rural via a rotina mudar com semanas de calor intenso que ressecavam parte da plantação e exigiam ajustes diários. Em Brasília, uma empreendedora da área de resíduos buscava há meses uma forma de financiar um projeto que pudesse ampliar sua operação, mas não encontrava um caminho claro para tirar a ideia do papel.

Histórias como essas se multiplicam pelo País e mostram tanto os impactos diretos do clima no cotidiano dos brasileiros quanto na vida econômica real. Também são evidências da distância que separa quem precisa investir para se adaptar aos efeitos climáticos dos instrumentos de crédito disponíveis para viabilizar essas mudanças. Para muitos, a dificuldade não está na vontade de implementar soluções, mas na etapa seguinte: a de transformar necessidades urgentes em propostas formais que possam ser analisadas pelos bancos.

Foi para reduzir essa distância que

surgiu a plataforma Empreender Clima, resultado da parceria entre o BNDES, o Ministério do Empreendedorismo, o Sebrae e a OEI. Apresentada durante a COP30, ela reúne capacitação, informações financeiras e uma ferramenta de pré-enquadramento de propostas de financiamento que orienta empreendedores na montagem de projetos aptos a acessar o crédito climático.

**Para Maria Fernanda** Coelho, diretora de Crédito Digital para MPMEs do BNDES, o fortalecimento da plataforma acompanha o aumento expressivo dos recursos disponíveis. “Com a ampliação do Fundo Clima nos últimos dois anos, é fundamental criar mecanismos para facilitar que esse recurso chegue aos pequenos empreendimentos, tanto aos que atuam com base ambiental quanto aos que estão adaptando suas operações”, afirma.

O Fundo Clima é um instrumento muito importante para apoiar empreendimentos que contribuam para a mitigação das mudanças climáticas

e adaptação a seus efeitos. Na prática, os recursos, geridos pelo BNDES, são repassados a bancos e cooperativas de crédito, para que repassem a clientes com projetos aderentes à natureza do fundo.

Se o saldo do Fundo Clima foi ampliado de 1,38 bilhão de reais em dezembro de 2022 para 11,5 bilhões de reais em outubro de 2025 – um aumento de mais de oito vezes –, o ponto crítico está na formatação das propostas. Micro e pequenas empresas seguem encontrando dificuldades para estruturar projetos de investimento alinhados às exigências técnicas dos bancos que repassam os recursos do Fundo Clima. A ferramenta de pré-enquadramento foi criada justamente para resolver essa etapa inicial, que historicamente dificultava o acesso ao crédito verde.

Durante a navegação, o empreendedor responde a perguntas objetivas, apresenta dados da empresa e descreve o investimento desejado. A plataforma cruza essas informações com as linhas disponíveis no Fundo Clima e gera um documento já compatível aos requisitos exigidos pelo BNDES aos bancos parceiros. Esse arquivo pode ser levado diretamente a esses bancos credenciados para análise. “A ferramenta mostra que o Fundo Clima é adequado também para empresas

menores, guiando o empreendedor até que ele tenha um projeto pronto para ser apresentado”, explica Maria Fernanda.

A distribuição do crédito depende de uma rede de mais de 80 instituições financeiras parceiras do BNDES. Já participam da Bradesco, BDMG, BRDE, Banrisul e Desenhahia. A meta é ampliar a capilaridade e atingir desde as empresas urbanas até empreendimentos localizados em



**Maria Fernanda Coelho,**  
diretora do BNDES



**Plataforma ajuda pequenos negócios a estruturar projetos e acessar financiamento climático**

Para o Sebrae, a expectativa é de que o Empreender Clima ajude a formar uma nova geração de empreendedores preparados para atuar em negócios alinhados à agenda ambiental. “Sem os pequenos negócios, a transição não acontece. Eles são a base da economia e também os mais afetados pelos eventos climáticos”, diz Décio.

O BNDES planeja expandir o pré-enquadramento para outros setores ligados ao clima. O primeiro piloto é voltado a projetos de resíduos sólidos, mas já está em desenvolvimento a extensão para agroflorestas, bioeconomia, manejo sustentável de madeira e outras tipologias. O Banco também avalia criar um modelo de apoio semelhante para municípios.

zonas rurais ou mesmo em áreas de preservação, como os negócios da cadeia da bioeconomia, manejo sustentável e de produção em sistemas agroflorestais afetados por eventos climáticos que exigem investimentos urgentes em adaptação.

“O Empreender Clima reforça o compromisso do BNDES com os pequenos e médios negócios. Nos primeiros nove meses do ano, 67% do crédito que injetamos na economia chegou às MPMEs. Agora, queremos ampliar o acesso ao financiamento climático. A plataforma mostra que a economia verde não é um nicho, mas uma agenda que já faz parte do cotidiano de quem empreende no Brasil”, disse o presidente do BNDES, Aloizio Mercadante.

As condições do Fundo Clima incluem taxas de menos de 5%, em modalidades como Florestas Nativas e Recursos Hídricos, até perto de 13% ao ano para energia solar. Os financiamentos podem chegar a 25 anos, com carências de até 8 anos. O BNDES estuda reservar recursos específicos para micro e pequenas empresas e ampliar o uso de fundos garantidores, re-

duzindo entraves de risco de crédito. “O desafio é garantir o acesso das empresas menores, que costumam enfrentar mais barreiras”, afirma a diretora.

Do lado da capacitação, o Sebrae enxerga a plataforma como ponto de virada. Para Décio Lima, presidente da instituição, ainda existe uma sensação de que o tema climático está distante da rotina dos pequenos negócios. A plataforma ajuda a derrubar essa percepção, conectando informação, formação técnica e orientação sobre linhas de financiamento. “Os empreendedores já reconhecem a necessidade de se adaptar e de inovar. A plataforma nos permite reunir conteúdos, apoio técnico e trilhas de conhecimento em um único espaço, aproximando esses negócios das oportunidades”, afirma.

Os cursos disponíveis abordam economia circular, gestão de resíduos, eficiência energética, cadeias de suprimentos verdes e caminhos de acesso ao crédito climático. A capacitação também ensina a transformar necessidades locais em projetos estruturados.

**A combinação** entre crédito acessível, capacitação e suporte técnico materializa um movimento que reposiciona a relação entre desenvolvimento e sustentabilidade. A plataforma aproxima o Fundo Clima da base empreendedora e reforça uma transformação em curso: negócios de pequeno porte passam a ter maior condição de acessar financiamentos normalmente mais direcionados a grandes empresas.

Com a ampliação dos recursos, a mudança de escala torna-se perceptível no mercado e o crédito verde deixa de ser exceção para ganhar força, interiorizar-se e tornar parte da agenda cotidiana de quem empreende. O Empreender Clima nasce nesse encontro entre oportunidade financeira, necessidade ambiental e capacidade de inovação dos pequenos negócios brasileiros. •

Produzido por

**Studio  
Carta**



# Tulipa artificial

**ATIVOS** Todas as bolhas começam com inovações alavancadas, mostram o *subprime*, as criptomoedas, a febre de IA

POR MANFRED BACK E LUIZ GONZAGA BELLUZZO

**E**m fevereiro de 2000, a Bolsa de Valores Nasdaq fez um IPO (oferta pública de ações) para a Pets.com, um site de produtos para cães. O IPO tornou-se símbolo da bolha das ações que comandou o episódio conhecido como bolha dot.com. Naquele momento, o IPO levantou 82,5 milhões de dólares para financiar um site de produtos para cachorros.

Em novembro de 2000, após 268 dias, a empresa faliu. Ganhou as honras de episódio-símbolo do estouro da bolha dot.com.

Há muita discussão sobre a bolha das ações de empresas de Inteligência Artificial (IA). As ditas “Sete Magníficas” são uma paródia do filme *Sete Homens e um Destino*. Um grupo de sete pistoleiros mercenários foi contratado para defender um vilarejo e conter as investidas de bandidos.

Os indicadores financeiros suscitam dúvida: quem são os pistoleiros? E os bandidos? Vamos ousar uma explicação em linguagem “técnica”. São dois os indicadores universais para avaliar se a ação está cara ou barata: **1.** O índice preço-lucro (P/L), que calcula o prazo de retorno do capital investido. **2.** O valor patrimonial por ação (VPA), que indica quanto a empresa vale pelos resultados contábeis inscritos no balanço, não pelo valor negociado em Bolsa.

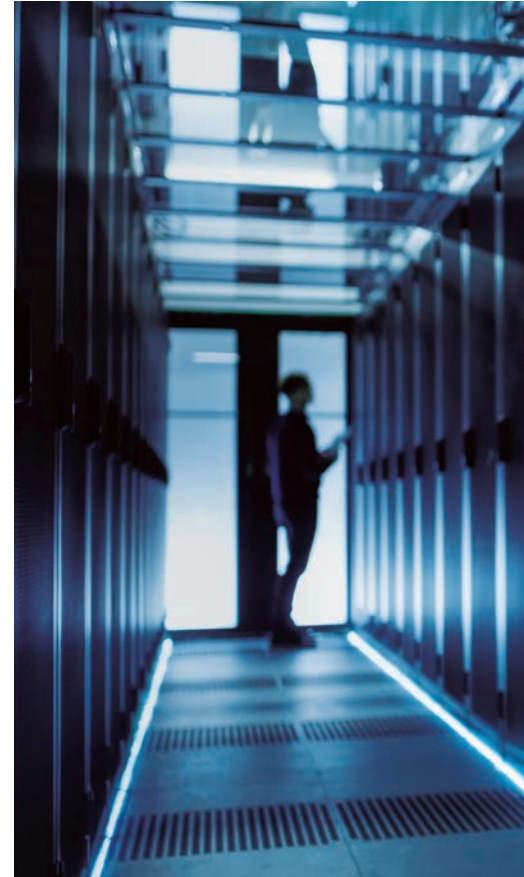
Os indicadores da Nvidia Corporation, a mais magnífica entre as Sete Magníficas, apresentam um P/L de 53 anos, um

P/VPA de 45 vezes e um VPA de 4,10 dólares por ação. Se você, leitor, investir nessa nuvem, saiba que terá de aguardar 53 anos para obter retorno sobre o capital investido. Já os preços da ação na Bolsa estão 45 vezes acima do seu valor patrimonial, isto é, do quanto a empresa contabilmente vale, muito diferente do seu valor na Bolsa de Valores.

**O preço da ação** da Nvidia na Bolsa de Valores, neste momento, está em torno de 180 dólares. A máxima de 2025 atingiu 212 dólares por ação. Entre 2000 e 2015, o preço das ações da Nvidia variou entre 0,50 e 1 dólar por ação. Em meados de 2018, o preço atingiu 7 dólares por ação, o que representou 700% de valorização. Na sequência: 2021, 22 dólares por ação. Em 2023, 48 dólares por ação. Em 2024, 80 dólares por ação. Até atingir o preço máximo de 212 dólares por ação, em setembro de 2025.

Desde 2000, a valorização foi de 21,200%. O lucro nesse período não

**Na histeria especulativa, homens enlouquecem em bandos, mas só recuperam os sentidos um a um**



acompanhou o preço da ação no mercado. Isso tem feições de bolha. A Nvidia vale 5 trilhões de dólares na Bolsa de Valores. Segundo o P/VPA, ela está sendo negociada 45 vezes acima do valor patrimonial, aquele constante no balanço.

Vejam os indicadores das demais Magníficas: Apple apresenta um (P/L) de 36 anos, Amazon (P/L) de 31 anos, Alphabet (P/L) de 29 anos, Tesla (P/L) de 278 anos, Meta (P/L) de 26 anos e Microsoft (P/L) de 34 anos. Pelo indicador (P/L), todas as ações das Sete Magníficas estão com preços nas nuvens.

Para cada 100 dólares invertidos, o retorno previsto ocorrerá em 30 anos. Alguns imaginam que, para não caracterizar uma bolha, o lucro líquido deveria acompanhar a alta de preços dessas ações na mesma proporção. *Ilusões Perdidas*, diria Balzac.

Michael Cembalest, da JP Morgan



A Nvidia, líder em Inteligência Artificial e data centers, vale 5 trilhões de dólares na Bolsa

Asset Management, observa: ações relacionadas à IA representaram 75% dos retornos do S&P 500, 80% do crescimento dos lucros e 90% do crescimento dos gastos de capital desde o lançamento do ChatGPT, em novembro de 2022. S&P 500 é o índice da Bolsa de Chicago, composto pelas 500 maiores empresas americanas.

Outra questão interessante é a teia de aranha entre a Nvidia, a Microsoft, a Oracle, a OpenAI e o Google, todas elas com negócios e aportes financeiros bilionários.

O *Financial Times* observa: “Então, vamos esclarecer as coisas: a OpenAI agora está adquirindo uma participação de 10% na empresa AMD, enquanto a Nvidia está investindo 100 bilhões de dólares na OpenAI; e a OpenAI também conta com a Microsoft como um de seus principais acionistas, mas a Microsoft também é um grande cliente da empresa de computação em nuvem de IA CoreWeave, que é outra

empresa na qual a Nvidia detém uma participação acionária significativa; e, aliás, a Microsoft representou quase 20% da receita da Nvidia em base anualizada, até o quarto trimestre fiscal de 2025. Em menos de três anos, a OpenAI passou de um jogo de salão a um pilar da economia global”.

Ainda segundo o *Financial Times*, o fundo de *hedge* de Peter Thiel, Thiel Macro, eliminou toda a sua exposição à Nvidia no terceiro trimestre, de acordo com documentos recentes que apresentaram um panorama das participações no fim de setembro. Peter Thiel, fundador do PayPal e patrocinador do vice-presidente americano JD Vance, também foi organizador e mentor da influência do Vale do Silício na Casa Branca.

Todas as bolhas começam com inovações, sejam financeiras, sejam tecnológicas, sempre impulsionadas pelas forças da “alavancagem”.

Jeffrey A. Sonnenfeld e Stephen Henriques escrevem sobre a obra clássica de Charles Mackey, *Extraordinary Popular Delusions and the Madness of Crowds*. No livro publicado em 1841, Charles Mackey examinou o comportamento das multidões e a histeria coletiva ao longo da história. Desde a Mania das Tulipas holandesas da década de 1630 até a busca obsessiva da humanidade pela transmutação de metais básicos em ouro.

Embora Mackey tenha escrito seu livro em 1841, a mania da IA continua a validar sua conclusão: “Homens... pensam em bandos; será visto que eles enlouquecem em bandos, enquanto só recuperam os sentidos lentamente, um a um”.

**A história ensina** que eventos são semelhantes, mas não iguais. As bolhas começam e terminam da mesma maneira. Desde a bolha das tulipas na Holanda, a doideira coletiva vai repetir-se no esquema do Mississippi e nas desventuras da Companhia dos Mares do Sul de John Law.

No livro, Mackey fala de John Law: “Depois do estouro da Bolha dos Mares do Sul, ‘alguns historiadores consideraram John Law um canalha, outros, um louco’. Ambos os epítetos lhe foram aplicados em vida com profusão, enquanto ainda se sentiam profundamente as consequências infelizes de seus projetos. A posteridade, porém, encontrou motivos para duvidar da justiça da acusação, bem como para confessar que John Law não foi nem um canalha nem um louco, mas alguém que foi enganado em vez de enganar, foi vítima do pecado em vez de pecar”.

Esse pecado coletivo também contaminou as fraudes nas estradas de ferro no século XIX, até culminar no famoso esquema Ponzi. Na sequência, surgiram Bernie Madoff, o *subprime*, as criptomoe-das e as criptotulipas, até alcançar a febre da Inteligência Artificial. •





## Parabellum

**EUROPA** Putin garante estar pronto para a guerra, enquanto os europeus se preparam para um confronto com a Rússia

POR JOÃO PAULO CHARLEAUX

O presidente da Rússia, Vladimir Putin, afirmou na quarta-feira 3 que seu país está pronto para uma guerra com a Europa “agora mesmo”. A declaração foi dada menos de uma semana depois de o presidente da França, Emmanuel Macron, ter dito que “a guerra é uma realidade presente” no continente, não uma projeção para um futuro distante. A escalada nas provocações políticas não é apenas discursiva. Dos dois lados, crescem os preparativos para o que muitos projetam como um confronto inevitável.

Macron fez um dos movimentos claros nessa direção ao anunciar, na quinta-feira 27, um novo programa de alistamento militar com o qual pretende dissuadir Putin de avançar sobre os integrantes da União Europeia e da Otan. No mesmo dia, o presidente russo refutou as ameaças atribuídas a ele: “Soa ridículo. Nunca tivemos essa intenção”. Mudou, no entanto, o tom e, diante das dificuldades impostas pelos líderes europeus ao processo de negociação de paz com a Ucrânia, intermediada pelos Estados Unidos, passou a dizer que “não sobraria ninguém” no Velho Continente com quem negociar se seu país partisse para cima.

Putin oscila entre os papéis de vítima, quando se apresenta como um presidente acuado pelo avanço hostil da Otan na direção das fronteiras russas, e de agres-

sor, quando reivindica para si o território alheio, ressuscitando parte do brio perdido após o fim da era soviética. Nos momentos de maior docilidade, queixa-se da desconfiança dos europeus em relação a Moscou. Macron não confia em Putin, pois se considera traído. Em agosto de 2019, recebeu o colega russo com enorme deferência em Brégançon. Naquele momento, Putin estava há cinco anos excluído do G7, como punição pela primeira das duas invasões à Ucrânia. Mesmo assim, o líder francês estendeu um tapete vermelho, numa reunião bilateral de grande visibilidade, às vésperas da cúpula

do G7, que aconteceria dias depois, a apenas 800 quilômetros dali, em Biarritz. O gesto foi uma penhora de apoio político em um momento no qual Putin era muito contestado. Macron acreditava ainda ser possível manter pontes entre a Otan e Moscou. “Estou convencido de que o porvir da Rússia é plenamente europeu. Nós acreditamos nessa Europa que vai de Lisboa a Vladivostok.” Apenas três anos depois, a Rússia partiria para a invasão total da Ucrânia, lançando a maior e mais sangrenta guerra em solo europeu desde o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945.

Assim como Macron, nenhum líder



**Alerta.** O conflito é “uma realidade presente”, afirma o francês Emmanuel Macron



t-major des armées / France

## Há um aumento nas despesas militares e no recrutamento de novos soldados

européu confia hoje em Putin. Com exceção talvez do primeiro-ministro húngaro, Viktor Orbán, todos os demais têm receio de que os russos ampliem para o restante do continente a guerra travada há quatro anos contra os ucranianos. Como prova, mencionam uma série de ações cada vez mais hostis empreendidas por Moscou. O ministro britânico da Defesa, John Healey, acusou o presidente russo de coletar informações cartográficas sobre a localização dos cabos submarinos de comunicação da Europa. A evidência seria a presença do navio oceanográfico russo Yantar, acusado por Healey de penetrar por duas vezes neste ano as águas britânicas. A embarcação é equipada com pequenos submarinos e navega acompanhada de uma aeronave do tipo Poseidon, usada para monitoramento marítimo. “Aqui vai meu recado para Putin: nós o vemos e nós estamos preparados”, disse o secretário britânico, em uma declaração ainda mais direta e enérgica que aquelas de Macron.

**Na França, o plano** é acrescentar 2 bilhões de euros ao atual orçamento das Forças Armadas e fazer o número de jovens ligados ao alistamento voluntário chegar a 3 mil no próximo ano, 10 mil em 2030 e 50 mil em 2035. O recrutamento só se tornará obrigatório em caso de guerra. Segundo o governo francês, o novo modelo de alistamento se inspira na Noruega. Os nórdicos e os bálticos estão especialmente alarmados com o risco de uma ação russa na Europa, como de-

**Inspiração.** O exército francês vai guiar-se pelo modelo adotado pela Noruega



monstra o fato de a Finlândia ter aderido à Otan em 2023 e a Suécia em 2024. Além disso, Estônia, Letônia e Lituânia, além de Polônia e Finlândia, abandonaram o Tratado de Ottawa, adotado nos anos 1990 para proibir a fabricação, a estocagem, a transferência e o uso das minas antipessoal, aquelas que ficam enterradas no solo e podem explodir com o peso do corpo humano. A decisão faz os esforços humanitários recuarem mais de 30 anos em um continente que liderava a promoção desse tipo de tratado, inclusive com o engajamento de figuras de destaque, como Lady Di, que militou pessoalmente contra as minas.

**“A percepção de ameaça é real”**, disse a editorialista do jornal *Le Monde*, Sylvie Kaufmann, em entrevista à France Inter, mencionando ações de sabotagem em sistemas informáticos, manipulação de eleições, campanhas de desinformação na internet atribuídas a agentes russos em diversos países da Europa e até sobrevoos com drones em regiões de fronteira. “Logo a questão vai se colocar: a partir de que ponto essa guerra híbrida será considerada um verdadeiro ataque contra um membro da Otan?” – o que justificaria a evocação da cláusula segundo a qual um ataque contra um participante da aliança deve ser respondido por todos os demais –, pergunta Kaufmann.

O país mais alarmado talvez seja a Polônia, que tem na memória a invasão das tropas alemãs, num dos primeiros atos da Segunda Guerra Mundial, em 1939. Lá o governo instituiu programas de treinamento para o uso de armas de fogo entre adolescentes nas escolas. Nesses cursos, jovens a partir dos 14 anos aprendem a manusear fuzis de uso exclusivo das Forças Armadas. Na Dinamarca, o serviço militar, obrigatório pa-

## Nenhum líder europeu confia em Moscou

ra os homens, passou a ser indispensável também para as mulheres. Na Finlândia, ginásios subterrâneos ganharam adaptações para ser convertidos em abrigos em caso de guerra nuclear.

O ambiente de mobilização foi tão longe que o chefe do Estado-Maior francês, general Fabien Sudry, disse recentemente que as mães de seu país devem estar preparadas a partir de agora para perder seus filhos. O militar afirmou ter chegado a hora de “dizer as coisas como elas são”, em vez de edulcorar as informações à sociedade. De acordo com ele, que ocupa o posto mais alto nas Forças Armadas do país, a França tem todas as condições militares e econômicas para “dissuadir o regime de Moscou”, mas é preciso que a sociedade esteja coesa diante da possibilidade das perdas.

A falta de tato do general foi criticada por autoridades políticas, mas não as

afirmações de fundo que, na França e em toda a Europa, motivam uma corrida às armas e às trincheiras de uma guerra que, a julgar pelos preparativos, parece se divisar no horizonte.

A volta de Donald Trump à Casa Branca foi marcada por um giro nos compromissos dos Estados Unidos com a Europa. Se, sob a administração de Joe Biden, não havia dúvida da solidez da Otan e do apoio incondicional à Ucrânia, com Trump o discurso mudou: a defesa dos europeus passou a ser tratada como um assunto eminentemente do continente e o socorro aos ucranianos tornou-se duvidoso. Ambos os movimentos foram acompanhados de uma abertura complacente e compreensível em relação aos interesses russos, que passaram a ser acomodados com maior conforto no discurso norte-americano.

Putin tira vantagem dessa mudança e tenta colocar a Europa como uma antagonista belicista que atua contra os esforços de paz empreendidos por Washington e Moscou. No discurso russo, está tudo certo para a guerra na Ucrânia chegar logo ao fim, só que os europeus estão ativamente comprometidos com a ideia de confrontar o inimigo. A tese só para de

pé para quem cogita que os ucranianos abram mão de mais de 20% do território e de sua soberania, ao aceitar que Moscou determine qual deve ser o tamanho máximo de suas forças armadas e a quais alianças militares o país pode ou não se filiar.

A paz de Putin só é possível, portanto, com a Ucrânia em uma posição subalterna. Para a Europa, trata-se de uma concessão inadmissível, que premia uma agressão ilegal a um país soberano e encoraja novas hostilidades contra o restante do continente. •



**Morde-e-assopra.** Putin alterna os papéis de vítima e agressor

## JAMIL CHADE

Jornalista, correspondente internacional, escritor e integrante do conselho do Instituto Vladimir Herzog



# Traficante de estimação?

► **Trump acusa sem provas Nicolás Maduro e solta o hondurenho Juan Orlando Hernández, condenado por tráfico**

**E**m fevereiro de 2024, diante de uma Corte norte-americana, os promotores mostraram provas contundentes do envolvimento do ex-presidente hondurenho Juan Orlando Hernández num megasquema de contrabando de drogas para os EUA. Uma das evidências foi uma gravação na qual o suspeito diz ao traficante Geovanny Fuentes que “juntos eles iriam enfiar as drogas direto no nariz dos gringos”. Fuentes subornou o ex-presidente e deu acesso a seu laboratório de cocaína, estrategicamente localizado perto de um importante porto.

O político foi condenado a 45 anos de prisão nos EUA. Na terça-feira 2, Hernández acabou, no entanto, perdoado e libertado por ordem da Casa Branca. O indulto de Donald Trump revela que a ofensiva militar na América Latina e na Venezuela jamais teve o objetivo de frear o fluxo de entorpecentes ou de defender a saúde dos norte-americanos. Não resta mais dúvida de que a “guerra às drogas” tem sido instrumentalizada para objetivos geopolíticos. O caso do hondurenho é a evidência mais explícita de que o governo Trump não está preocupado com o crime organizado, ao contrário.

Presidente de 2014 a janeiro de 2022, Hernández foi amplamente apoiado pelos norte-americanos nos primeiros anos de governo. No período que coincidiu com o primeiro mandato de Trump, o hondurenho alinhou-se às orientações

de política externa da Casa Branca. Entre outras medidas, transferiu a embaixada do país em Israel de Tel-Aviv para Jerusalém. Menos de três semanas após deixar o cargo e já sob a administração de Joe Biden nos EUA, foi alvo de um pedido de extradição. O objetivo era transformá-lo em exemplo de como os democratas estavam dispostos a lutar contra a corrupção na região. Naquele momento, o procurador Merrick Garland destacou que o hondurenho comandava um “narcoestado”. “Durante anos, ele trabalhou lado a lado com alguns dos maiores e mais violentos traficantes de drogas de Honduras, para enviar toneladas e mais toneladas de cocaína para cá, para os Estados Unidos”, alegou o promotor David Robles.

**Não faltam evidências** e provas contra o ex-presidente hondurenho. Seu envolvimento com o crime organizado não era novo. Ao longo da carreira, recebeu subornos cada vez maiores de traficantes. Em 2005, quando concorria ao terceiro mandato no Congresso, Víctor Hugo “El Rojo” Díaz Morales teria doado 40 mil dólares à campanha. Quatro anos depois, o valor subiu para 100 mil. Outro traficante confirmou ter distribuído 2 milhões de dólares a diferentes políticos, entre eles Hernández. Quando se candidatou à Presidência, o indultado embolsou 1,6 milhão. Um dos líderes do clã Los Cachiros, Devis Leonel Rivera Maradiaga, afirmou ter repassado 250 mil por meio de sua irmã, Hilda. Carlos “El Negro” Lobo, que atuava no litoral norte, também teria enviado 250 mil.

Nada disso parece ser um problema para Trump, que acusou a Justiça de tratar o ex-presidente com “muita severidade e injustiça”. Em nome de sua posição de força na América Central e do

intuito de consolidar a região como sua zona de influência, o presidente norte-americano não faz questão de esconder a hipocrisia. O perdão e a libertação do hondurenho ocorrem num momento em que o republicano quer garantir que um aliado vença as eleições no país, num claro ato de ingerência.

Ainda assim, a reação nos EUA revelou o grau de profundo mal-estar diante do uso do argumento do crime organizado para justificar um ataque contra a América Latina. O senador Tim Kaine classificou a decisão de Trump de perdoar Hernández de “chocante” e apontou para o ex-presidente como “o líder de uma das maiores organizações criminosas que já foram condenados em tribunais americanos”. Para ele, o presidente não está preocupado com as drogas. O deputado do Texas Joaquin Castro disse que Hernández era responsável pela morte de inúmeros cidadãos norte-americanos. “Não me digam que Donald Trump está matando pessoas em barcos no Caribe para acabar com o tráfico de drogas.” A deputada da Califórnia Norma Torres não escondia sua indignação. “Passei anos lutando contra a corrupção na América Latina”, disse. “Hernández comandava um império criminoso apoiado por um cartel que traficava mais de 400 toneladas de cocaína para os EUA, usava seu cargo para desviar dinheiro dos contribuintes norte-americanos e comprava poder político com dinheiro do narcotráfico”, completou.

Sejamos claros: não existe contradição alguma em relação à postura de Trump na Venezuela e em Honduras. Em ambos os casos, há apenas um princípio que norteia a Casa Branca, o esforço para redesenhar a ordem mundial, a partir do seu quintal.

Nunca foi sobre o narcotráfico. •  
[redacao@cartacapital.com.br](mailto:redacao@cartacapital.com.br)



# "Ninguém vai me calar"

**ENTREVISTA** A brasileira Marina Lacerda, uma das vítimas de Jeffrey Epstein, explica a razão de expor o próprio drama

A CLARISSA CARVALHAES, DE NOVA YORK

**E**m resposta aos escândalos do financista Jeffrey Epstein, o Departamento de Justiça dos Estados Unidos tem até 20 de dezembro para decidir o que será revelado ao público. Documentos vitais, entre eles transcrições inéditas dos grandes júris e materiais jamais tornados públicos, ficarão disponíveis, em meio a pressões políticas e resistências locais. No epicentro está Marina Lacerda, sobrevivente brasileira, não apenas como testemunha, mas uma voz que desafia o silêncio. Durante anos, ela foi conhecida como a "Vítima Menor-1", mas, em setembro deste ano, ela decidiu renunciar ao anonimato e tomou as rédeas de sua própria história. A brasileira tinha 14 anos quando foi abusada pelo financista. Hoje, aos 37 anos e mãe de uma menina de 12 anos, luta contra a impunidade. "Se ficarmos caladas, os predadores vão continuar agindo, abusando", afirma.

**CartaCapital:** Em 19 de novembro, o presidente Donald Trump sancionou a Lei de Transparência dos Arquivos Epstein. Quando pensa nesse prazo de 30 dias para decidir o que será realmente aberto ou mantido em sigilo, o que vem primeiro à mente: medo de

nova ocultação ou esperança de justiça?

**Marina Lacerda:** Honestamente, estou um pouco preocupada com o que vai acontecer? E, assim como as outras vítimas, me pergunto por onde esses documentos andaram, porque foram jogados de um lado para o outro o tempo todo. Tememos que edições sejam feitas, de fato, não para proteger as sobreviventes,



**Apoio.** Apesar dos ataques nas redes, a brasileira se diz confiante

mas para defender Trump, os amigos dele e outros envolvidos de alto perfil. E estamos bem apreensivas, tentando entender por que Trump assinou a liberação logo depois do *shutdown* do governo e, ao mesmo tempo, parece estar disposto a abrir uma investigação sobre o caso. A sensação é de que a luta está só no começo. Sei que, para algumas das outras sobreviventes, essa luta começou faz muito tempo, mas agora é como se fosse outra batalha, em outro nível, e estamos nos preparando para enfrentar.

**CC:** Essa rede de poder finalmente está sendo exposta ou ainda parece que o sistema protege "clientes" e cúmplices?

**ML:** Sinto que o sistema ainda protege certos clientes. E por isso estamos preocupadas com essas edições. Mas, sabe, por mais que eles possam tentar proteger os envolvidos, acredito que, com o tempo, tudo virá à luz. E, se gente como Larry Summers teve de se abrir e dizer: "Ei, eu fiz parte disso", então, sinto que alguns vão se apresentar e quem não o fizer, com certeza, será exposto.

**CC:** O que gostaria de dizer às outras sobreviventes, especialmente meninas migrantes e de famílias pobres, que veem tudo isso de longe?

**ML:** Minha maior preocupação é que, como mulheres latinas, precisamos entender que não podemos permanecer em silêncio. Muitas vezes ficamos caladas porque temos medo, porque sentimos vergonha e, infelizmente, eles se aproveitam muito mais dos imigrantes. Muitas vezes temos medo de falar por não termos documentação legal ou por sermos desacreditadas. Quando comecei a falar, na minha primeira vez em setembro, até sobrevoavam aviões para silenciar a gente. Agora, na segunda coletiva de imprensa, havia motos barulhentas passando para tentar nos calar. Isso mostra o quanto precisamos estar alertas. Se ficarmos caladas, os predadores vão continuar agin-



do, abusando não só de mulheres jovens, mas de homens, crianças, meninos e de mulheres que são maiores de idade, que muitas vezes sentem pressão para dizer sim. É importante que tanto mulheres quanto homens aprendam a estabelecer limites, saber quem são e entender o que são tráfico humano, abuso sexual, estupro, abuso físico. Precisamos trazer isso à luz para que todos entendam, e por isso que decidi quebrar o silêncio, por mim, por minha filha de 12 anos, por todas as mulheres sobreviventes. Nas redes sociais, vejo muitos comentários de mulheres me atacando, me culpando por ter voltado. Quero deixar claro: ninguém está ganhando dinheiro com isso. Tiramos do próprio bolso, pagando hotéis e passagens para lutar por uma causa para as futuras gerações. Muitas famílias têm medo de abordar esse assunto com os filhos, pensando que vão normalizar o sexo, mas não é sobre isso. O que queremos é abrir as mentes para que entendam

o que é abuso, para que saibam quando algo não está certo. Eu sou uma das poucas brasileiras que falaram publicamente e, apesar de todo o desafio, continuarei falando para que essa causa avance.

**CC:** Você se lembra de ver o presidente Donald Trump ou ouviu outras meninas falando sobre ele?

**ML:** Naquela época, Jeffrey Epstein tinha fotos com muita gente. Com o ex-presidente Bill Clinton, com o príncipe Andrew, da Inglaterra, com vários atores e atrizes, inclusive com Donald Trump. Mas, honestamente, não me lembro, pessoalmente, de tê-lo visto ou escutado qualquer coisa especificamente sobre ele. Mas é fato confirmado que Trump passou horas na casa de

**Intimidade.** Trump era um dos tantos e assíduos frequentadores das festas organizadas por Epstein, o magnata que cometeu suicídio na cadeia

Epstein com outra jovem. Existem muitas informações sobre isso, mas sabe qual a grande questão: será mesmo que o público está disposto a aceitar? Será que ele está pronto para esses arquivos? Esse é o problema. Sabe por quê? À luz de tudo e de todos, Trump desrespeita mulheres, ele não hesita, não se importa, não há constrangimento. Há poucos dias, por exemplo, ele não gostou da forma que uma repórter da rede de tvê ABC fez uma pergunta a respeito do caso Epstein, e ele a humilhou diante de todos. Na mesma semana, também mandou outra repórter se calar e a chamou de 'porquinha' durante um voo. Esse é o presidente dos Estados Unidos, esse é o líder de um país que o mundo inteiro observa. E, sabe, talvez ele seja um bom empresário ou até um bom presidente, mas Trump trata as mulheres da pior forma possível e o faz publicamente. Estamos em 2025, mas ele age como se estivéssemos nos anos 1950.

**CC:** Diante de tudo isso, minha última pergunta, mas não a menos importante: como você está?

**ML:** Surpreendentemente, eu tenho que dizer que nunca me senti tão empoderada. Tenho que agradecer a todas as minhas irmãs sobreviventes que estão comigo. Realmente, amo compartilhar minha história, falar sobre cultura, sobre os direitos das mulheres, porque quero que façamos essa mudança juntas. Sou muito grata por poder falar, porque nossa voz está sendo ouvida e há muito tempo não era. Então, respondendo à sua pergunta: obrigada, eu me sinto confiante e sei que não estou derrotada. Ninguém vai me calar. A gente não vai ficar em silêncio. •

**É uma luta para as “futuras gerações”**



# Robôs não choram

**TECNOLOGIA** À medida que os *chatbots* se sofisticam, os artistas tentam entender os impactos da IA sobre a criatividade humana

POR ANA PAULA SOUSA E EDUARDO MAGOSSÍ

**R**ecentemente, no Centro de Formação do Sesc, em São Paulo, o jornalista Vladimir Herzog (1937–1975), morto pela ditadura há 50 anos, respondeu, com a própria voz, a perguntas de jornalistas.

*Vladimir Herzog, IA e Memória*, evento conduzido por Paulo Markun, tomou por base um *chatbot* alimentado com a voz de Vlado – copiada de áudios guardados na TV Cultura e na BBC de Londres – e com uma base de dados formada por livros, entrevistas e cartas que compõem um panorama da vida do jornalista.

O uso das ferramentas de Inteligência Artificial (IA) para dar gestos e voz a artistas, escritores e personalidades do passado tornou-se corriqueiro. Clarice Lispector (1920–1977), que tinha um ar circunspeto, ressurgiu com um leve sorriso. Elis Regina (1945–1982), em 2023, cantou *Como Nossos Pais* ao lado da filha, Maria Rita, em um comercial da Volkswagen que deu o que falar.

A recriação dos mortos é apenas uma das muitas faces de um debate que paira sobre as indústrias culturais: qual o impacto da IA na criatividade humana e quais os seus limites?

“A IA não é nem inteligente nem artificial”, disse a professora de Comunicação, Ciência e Tecnologia da Universidade do Sul da Califórnia Kate Crawford, ao lan-

çar o *Atlas da IA* (Edições Sesc). O livro mapeia os impactos ambientais, econômicos e sociais da IA, apontando para os riscos nela embutidos. Mas Kate, além disso, procura entender os limites da ferramenta – e um deles reside na criatividade.

Embora seja capaz de gerar textos, imagens, músicas e outras formas de conteúdo, a IA, defende a autora, não possui criatividade genuína. Por quê? Porque ela funciona a partir de grandes conjuntos de dados. Um robô não compreende o mundo e não tem experiências subjetivas. O que ele faz é replicar padrões e estilos, sem criar algo verdadeiramente novo ou original.

**“A criatividade humana envolve contexto, intenção, experiência e subjetividade, elementos que não podem ser plenamente reproduzidos por máquinas nem em ambientes controlados”, afirma Kate.**

A busca da máquina pelo “sentimento” é, não por acaso, o mote de *Dalloway*, um dos títulos da seleção da última Mos-

tra Internacional de Cinema de São Paulo a tematizar a IA. O filme francês, que competiu pela Palma de Ouro no Festival de Cannes, reproduz uma residência artística na qual cada criador tem um assistente virtual privado.

Dalloway – célebre personagem de Virginia Woolf – é o nome da IA de uma escritora que, após um trauma pessoal, sofre para fazer um novo livro. A questão filosófica subjacente ao roteiro é: quanto da nossa “alma” um *chatbot* pode apreender – ou roubar?

Outro paradoxo presente no filme é o da dependência não só prática, mas emocional, que nós, humanos, podemos desenvolver diante de uma máquina que nos imita.

O filme *Memórias da Princesa Mumbi*, também exibido na Mostra, toca justamente nessa questão. A trama se passa em 2093, em uma África sob guerra, onde a tecnologia desapareceu.

O protagonista é um cineasta que, ao chegar a uma aldeia para documentar a guerra, conhece Mumbi, jovem que o desafia a fazer um filme sem o uso de IA. *Memórias da Princesa Mumbi*, ao mesmo tempo que brinca com a submissão à IA, a utiliza, num exercício metalinguístico, para a construção de cenários grandiosos.

“Ao fim e ao cabo, nos vemos tentando entender, do ponto de vista filosófico, de que forma a produção artística pode utili-

---

**Uma máquina apenas replica padrões e estilos. Ela não cria algo novo ou genuíno**



**Espelho ficcional.** O longa-metragem *Dalloway* (acima) reproduz uma residência artística na qual cada criador convive com um assistente virtual privado. Em *Memórias da Princesa Mumbi* (abaixo), o protagonista é desafiado a fazer um filme sem o uso de IA





zar a IA como recurso e, do ponto de vista prático, como vamos, ou não, ser substituídos por uma Inteligência Artificial”, disse, num debate em torno desses filmes, no Fórum da Mostra, o roteirista Raul Perez.

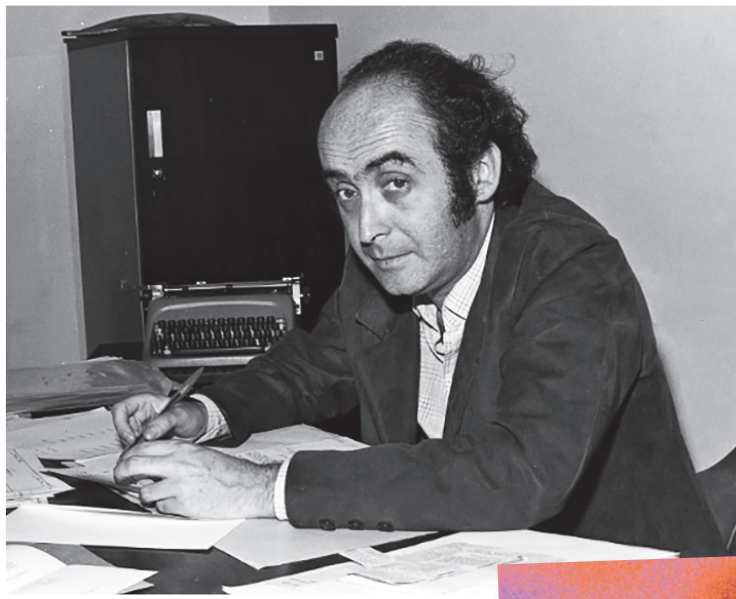
Duas décadas atrás, o cantor inglês David Bowie advertiu, em uma entrevista ao *The New York Times*, que os artistas deviam se preparar para um mundo no qual a música seria um serviço como energia ou água, desprovido de autoria. Com as músicas sendo geradas por computador, dizia ele, os músicos contariam apenas com as apresentações ao vivo para sobreviver.

De fato, a IA vem sendo usada na produção musical há pelo menos dez anos. E, mais recentemente, com o *deepfake* – que permite a reprodução da voz humana –, a prática se sofisticou. Leonardo De Marchi, coordenador do programa de pós-graduação de Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, observa, porém, que o cenário é um pouco diferente do imaginado por Bowie.

**“Naquele momento,** as grandes gravadoras se viam ameaçadas pela troca de arquivos entre produtor e consumidor. Hoje, as empresas de tecnologia é que estão por trás dessa transformação”, diz o pesquisador. Atualmente, as gravadoras têm vendido seus catálogos para *startups* de IA que, a partir dessa memória, ensinam a máquina a criar novas músicas.

“Temos uma memória musical impressionante que tem sido utilizada por uma IA que aprende a procurar padrões nas composições, sem precisar de conhecimento musical”, prossegue De Marchi. Como resultado, há, segundo ele, uma redução do senso de inovação e criatividade estética: “Como um artista vai fazer para sua música circular o suficiente para ganhar dinheiro nesse novo sistema? E qual a vantagem de se inovar?”

No dia 25 de novembro, estes novos tempos se materializaram no acordo fechado entre o Warner Music Group e a *startup* Suno. Em 2023, a Warner pro-



cessou a Suno por uso ilegal de músicas para o treinamento de máquinas. Agora, fornecerá seu catálogo mediante pagamento de direitos autorais. Embora não esteja claro como se dará a negociação, o acordo estabelece uma nova referência para o mercado de música.

No caso do cinema, o British Film Institute (BFI), do Reino Unido, publicou este ano um relatório no qual conclui

que a IA é uma ameaça direta aos fundamentos e à saúde econômica da indústria audiovisual. O estudo estima que 130 mil roteiros já tenham sido usados para o treinamento de *chatbots*, sem que os detentores de direitos autorais tenham tido qualquer tipo de compensação.

Os direitos, base da remuneração artística ao longo de todo o século XX, são um ponto sensível do debate. Mas há outros pontos em disputa, e um deles é: que tipo de conteúdo cultural é criado pela IA e a que ele serve? Se, como diz Kate Crawford, “a IA é um registro de poder que vai replicar os padrões dominantes”, suas criações também o são.

Um bom exemplo do quanto a IA tem um viés foi a utilização da ferramenta, no Brasil, para a identificação do assassino de Odete Roitman, na novela *Vale Tudo*.

**O fim da autoria e da remuneração é uma das ameaças a pairar sobre o trabalho criativo**



**Usos da memória.** Vladimir Herzog e Elis Regina têm as vozes recriadas após a morte. A Warner, por sua vez, negocia seu catálogo com a Suno, uma *start up* de IA

Após ser alimentado com os capítulos da novela, o ChatGPT apontou, como possível assassina, a produtora de conteúdo Solange Duprat.

Solange, uma *ex-blackbloc*, foi presa nas passeatas de junho de 2013, mas não tinha motivação alguma para cometer o crime. Será que a IA não levou mais em conta o posicionamento político da personagem do que a própria trama?

A cineasta Laís Bodanzky, no Fórum Mostra, contou que, quando começou a tatear a IA, fez um teste: descreveu uma cena e solicitou ao ChatGPT variações dela. “Eu ria muito, porque vinha de tudo”, disse. “Agora, uma coisa interessante é que todas as cenas terminavam com final feliz. Tudo no final dava certo. Então, por mais que esse olhar da tecnologia pareça neutro, ele não é.”

Laís ponderou que o cinema é muito

mais que o roteiro, e que, sim, a indústria usa e seguirá usando a IA como uma ferramenta capaz de aumentar a eficiência em diferentes etapas do processo – ao mesmo tempo que, ao fazer isso, deixa de ser uma indústria limpa, no sentido ecológico. E isso se estende a outras áreas do setor criativo.

No mercado editorial, por exemplo, atividades que não a escrita propriamente dita, como revisão e tradução, têm na IA uma aliada importante no ganho de eficácia e na redução de custos. Não só. Ela acaba por gerar também novos produtos.

A OcaBooks criou uma plataforma voltada a pessoas comuns que desejam transformar memórias, histórias de vida e experiências pessoais ou profissionais em livros digitais ou impressos. “É um espaço de democratização. As pessoas podem criar um livro sozinhas, do princípio ao fim”, diz Julius Wiedemann, criador da empresa.

Ao entrar na plataforma, o cliente responde a algumas perguntas básicas sobre sua vida. A partir daí, o *prompt* ordena os capítulos e passa a fazer novas pergun-

tas, que levam o autor a ir aprofundando a história. “O que a nossa ferramenta faz é organizar a narrativa e transformar o texto coloquial em uma linguagem mais estruturada”, define o editor.

Embora todo o processo, desde as perguntas iniciais até a revisão e a pesquisa, seja feito por IA, a autoria, na visão de Wiedemann, ainda existe: “O livro é o resgate da memória dessas pessoas”.

Não deixa de ser curioso pensar o quanto, em cada movimento de troca com *chabots*, roteiristas, editores e compositores podem ensinar à IA aquilo que a assistente virtual de *Dalloway* buscava: o aprendizado do sentir.

**“O chatbot pode** saber a temperatura, ele pode até falar que está 20 graus, com sensação térmica de 10, mas ele não está sentindo frio. Ele não sente fome. A chuva não está na cabeça dele”, reflete Laís Bodanzky. “Nesse sentido, fico tranquila: a gente não vai perder o nosso emprego porque a gente vai continuar tendo dor de barriga, levando pé na bunda, perdendo o avô, e vai transformar isso em arte. Vou me preocupar se um dia a máquina chorar.”

Figura pioneira do Vale do Silício, Jaron Lanier, que é cientista e não artista, olha em outra direção. “É possível que a própria noção de conteúdo desapareça, sendo substituída por algo que tenha como função impactar quem está recebendo aquilo”, afirmou ele, recentemente, em entrevista à revista *The New Yorker*.

Lanier aposta que, um dia, música, filmes e livros serão originados em um único centro de IA e que a noção de autoria desaparecerá. E quem, de fato, influenciará a audiência a ver uma coisa ou outra serão os proprietários dessas empresas.

Enquanto Lanier vislumbra esse futuro robotizado, muitos roteiristas, cineastas, músicos e escritores de carne e osso seguem a usar a criatividade – com ou sem a ajuda de IA – para tentar captar e valorizar aquilo que, do humano, a máquina não pode apreender. •



# Entre a verdade e invenção

**LIVRO** *Histórias Reais*, da fotógrafa, artista e escritora francesa Sophie Calle vem sendo ampliado ao longo de três décadas

POR MARIA FERNANDA VOMERO

O que esperar de um livro intitulado *Histórias Reais* quando sua autora é a fotógrafa, artista visual e escritora Sophie Calle? Quem conhece algo do ousado trabalho dessa inquieta francesa de 72 anos provavelmente sabe que a encenação da intimidade e um certo voyeurismo estarão presentes.

Desde os primórdios de sua carreira artística, Sophie tensiona o conceito de “real”. Há sempre uma fronteira imprecisa entre o documental – as fotografias, os minuciosos registros escritos, os programas performativos que estabelece – e uma perspectiva deliberadamente construída, nada neutra, um jogo de cena proposital.

*Histórias Reais* traz 66 imagens, cada qual acompanhada por uma breve narrativa – ou serão os textos a inspirar a escolha das fotos? Lançado originalmente em 1994, na França, o livro já foi reeditado e ampliado oito vezes. Chegou ao Brasil pela primeira vez em 2009 e ganha agora esta segunda versão pela Relicário, que inclui novos relatos.

Sophie é uma cativante contadora de histórias – próprias, alheias ou inventadas – e não se limita a narrá-las por meio de uma única linguagem. A fotografia aparece geralmente combinada

à escrita, em composições perspicazes e com um toque de humor. No livro, retratos da artista misturam-se a registros ora cotidianos, ora inusitados.

Uma das histórias narradas é sua gênese como artista, que ela atribui ao incentivo do pai, o oncologista e colecionador de arte Robert (Bob) Calle. A imagem que acompanha o texto exibe uma lâpide na qual está gravada a palavra *father* (pai) – Bob morreu em 2015.

“Eu tinha 26 anos, estava perdida”, escreve. “Para evitar seu olhar de pai com



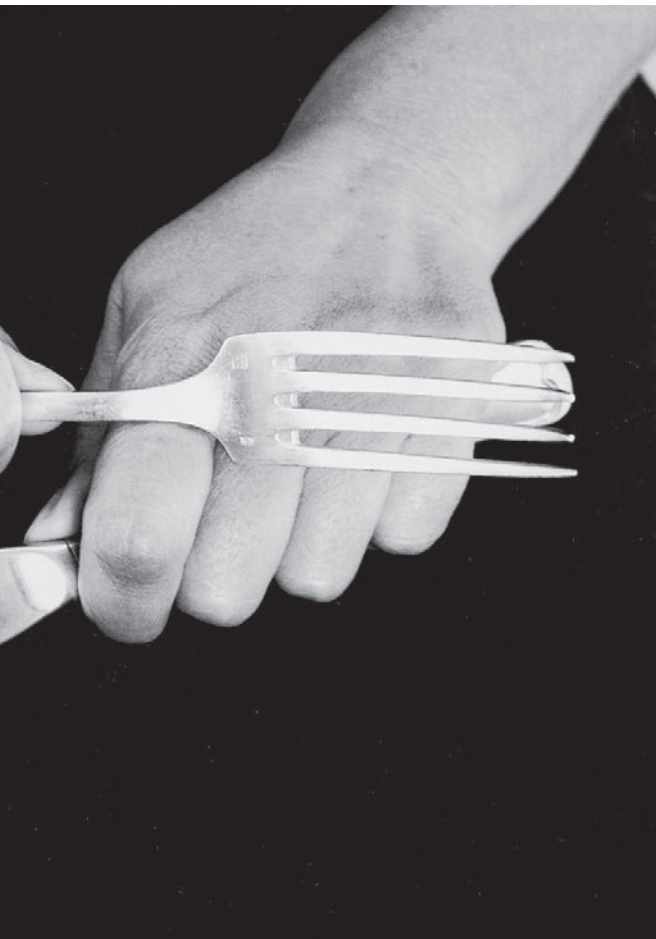
a minha vida ociosa, mas sem saber para onde ir, só para ir a algum lugar, comecei a seguir ao acaso os passantes na rua e a fotografar esses desconhecidos cujos caminhos eu tomava emprestados.” Bob adorou a ideia, o que lhe deu confiança para continuar. “Mas, quando morreu, e eu perdi o olhar dele, senti vontade de parar.”

**De fato, o primeiro** experimento criativo de Sophie Calle foi o registro fotográfico de transeuntes anônimos, *Filatures Parisiennes* (1978–1979). No entanto, o trabalho que marcou o início de sua carreira artística foi *Les Dormeurs*, no qual durante oito dias de 1979 ela fotografou conhecidos ou desconhecidos que convidava para passarem oito horas em sua cama. A experiên-



## HISTÓRIAS REAIS

**Sophie Calle.** Tradução: Marília Garcia. Relicário. (152 págs., 89,90 reais)



cia resultou numa instalação com imagens e textos exibida na Bienal de Paris em 1980, tornada livro em 2001.

Seguiram-se outros trabalhos que também partiram de uma proposta performativa com premissas concretas. Por exemplo, seguir e fotografar um único homem durante dias, inclusive durante uma viagem dele a Veneza, documentando tudo meticulosamente. Ou trabalhar como camareira em um hotel em Veneza durante alguns meses e fotografar os pertences e as camas desarrumadas dos hóspedes, registrando detalhes e impressões.

Em 2009, o Sesc Pompeia, em São Paulo, e o Museu de Arte Moderna da Bahia, em Salvador, receberam a exposição *Cuide de Você* (2007), com registros em texto, vídeo e foto de mais de uma centena de mulheres que, a convite de Sophie, analisa-

vam e interpretavam um *e-mail* de rompimento amoroso recebido pela artista.

Naquele mesmo ano, durante a Festa Literária Internacional de Paraty, Sophie participou de uma mesa de debates justamente com o autor do fatídico *e-mail*, o escritor francês Grégoire Bouillier, seu ex-namorado.

**Rastros de experiências** afetivas e artísticas também aparecem em *Histórias Reais*, confirmando outra característica das obras da artista: a obsessão detetivesca pelos vestígios deixados por alguém (ou por ela mesma). Como se a ausência pudesse ser compensada por aquilo que a fotografia captura e a palavra fixa.

No livro, Sophie permite-se experimentar muitas versões de si. Alguns dos relatos mais bonitos tratam da morte de sua

**Experimentos.** Nas fotografias, quase sempre acompanhadas de breves narrativas, Sophie mistura o banal ao inusitado, valendo-se às vezes do humor

mãe, Monique Szyndler, em 2006. Em um deles, a artista transcreve trechos dos diários maternos. E descobre um caderno não datado, quase em branco, com anotações sobre o funcionamento do videocassete. Nele, há a frase: “Morri de bom humor”.

*Histórias Reais* pode ser tanto um deleite para os fãs da artista francesa quanto um belo cartão de apresentação para quem não a conhece. Embora não importe quanto de factual ou de invenção há nos breves textos, podemos intuir, citando o poeta Manoel de Barros, que “só dez por cento é mentira”. •



# Sonhos nascidos de palavras

**LITERATURA** Criada em 2012, no Rio, a Flup é hoje reconhecida como um celeiro de romancistas e poetas vindos da periferia

POR AUGUSTO DINIZ, DO RIO

**A**nderson Reef é DJ de uma batalha de rima semanal por ele fundada em 2014, sob o Viaduto de Madureira, no Rio de Janeiro. A competição, uma das principais da cidade, chega a atrair 200 *rappers* e MCs por edição.

Anos antes de inaugurar a batalha de versos improvisados, Reef havia se envolvido com o tráfico de drogas. Conseguiu, porém, afastar-se da atividade criminosa, antes que a polícia batesse à sua porta.

Desde essa época, ele sonhava viver de cultura. Ainda hoje, no entanto, necessita trabalhar como motorista de aplicativo. “Preciso rodar de carro a noite toda para juntar um dinheiro que fazia em menos de duas horas no tráfico”, diz. “Mas, hoje, coloco a cabeça no travesseiro e consigo dormir.”

Reef conversou com *CartaCapital* durante a 15ª Festa Literária das Periferias, a Flup, o mais importante evento de escritores e performances de literatura e música realizado em áreas de baixa renda do Rio, como Vigário Geral e Cidade de Deus.

A edição deste ano, encerrada no domingo 30, ocorreu justamente debaixo do Viaduto de Madureira, que, além da batalha de MCs de Anderson Reef, abriga também o Baile Charme, festa de *black music*

que existe há 35 anos, e o grupo de jongo Fuzuê d’Aruanda. As três manifestações foram integradas à programação da Flup.

A homenageada de 2025 foi Conceição Evaristo, autora que criou o conceito de “escrevivência”, uma junção das palavras escrever e viver que procura apreender o significado da produção literária de mulheres negras.

**Essa ideia está muito** conectada aos sentidos da Flup, que, para além dos dias em que reúne as apresentações e os debates, oferece, em outros períodos, processos formativos para moradores das periferias – sempre com ênfase no bairro que está sediando o evento.

Para a edição de 2025, uma das iniciativas de formação envolveu, ao longo de quatro meses, alunos de dez escolas municipais de Madureira. O programa estimulou a produção da memória do

**Para além dos dias de evento, a Flup oferece processos formativos em diferentes regiões**

território a partir do olhar das crianças, que fizeram textos, desenhos e maquetes representando o bairro.

Os processos formativos da Flup já se tornaram referência. O impulso inicial para esse trabalho de formação foi uma palestra da escritora Ana Maria Machado, então presidente da Academia Brasileira de Letras (ABL), entusiasta do projeto. Depois, foram sendo implantadas as oficinas de desenvolvimento da escrita. Delas saíram, por exemplo, Jessé Andarilho e Geovani Martins.

Andarilho morava na Favela Antares, no bairro de Santa Cruz, na Zona Oeste do Rio, quando leu *No Coração do Comando* (Editora Record), em que Julio Ludemir narra histórias do Complexo Penitenciário Frei Caneca, no Rio, e se apaixonou.

Ao saber que o autor da obra que o despertou para as possibilidades da escrita era o idealizador da Flup, ele inscreveu-se, em 2012, numa oficina promovida pelo evento.

Dois anos depois, em 2014, teve seu primeiro romance, *Fiel*, publicado pela Objetiva. Andarilho completou o Ensino Médio e escreveu esse livro no celular, enquanto exercia seu trabalho, de consertar *smartphones*. “Via que os livros eram feitos por homens brancos que não moravam na favela. E pensei: vou fazer e mandar a real”, conta.

*Fiel* é baseado em fatos reais ambientados na sua comunidade. Hoje, Jessé Andarilho tem quatro livros lançados. Desde 2020, ele mantém, em um posto policial desativado da Favela Antares, a biblioteca comunitária Marginow. Este ano, o projeto foi semifinalista do Prêmio Jabuti na categoria Fomento à Leitura.

Ex-camelô e ex-morador de várias favelas no Rio, da Rocinha à Barreira do Vasco, Giovani Martins escrevia desde criança, mas foi ao participar do processo formativo da Flup, em 2013, que entendeu como poderia ver seu trabalho publicado.



#### Escrivência.

Na edição deste ano, a homenageada foi Conceição Evaristo. Jessé Andarilho e Geovani Martins (à esq.) são dois dos autores fomentados pela festa literária

Naquele ano, com 22 anos e sem ter concluído o Ensino Médio, teve três de seus contos publicados em uma coletânea editada pela Flup. Em 2018, Martins teve seus contos reunidos em *O Sol na Cabeça*, publicado pela Companhia das Letras e vendido para mais de dez países.

Embora a palavra escrita seja o eixo dos processos formativos da Flup, a poesia falada e a imagem informativa têm espaço

ali. A ilustradora Letícia Moreno, nascida em São João de Meriti, na Baixada Fluminense, venceu em este ano um edital da Flup, em parceria com a Editora Voo, voltado a desenhistas negras da periferia. Tornou-se assim a autora dos desenhos do livro infantil *O Sol na Cabeça*, de Nayla de Oliveira, a ser publicado ano que vem.

A Flup, para Letícia, não foi exatamente uma porta de entrada na ilustração,

pois desde 2021 ela presta serviços para uma agência nos Estados Unidos. Mas foi, sim, uma forma de ela se conectar à literatura negra aqui produzida

**“O brasileiro médio** tem o desejo de trabalhar para o exterior”, diz, sobre o caminho que trilhou. “Mas os frutos que esse trabalho no Brasil pode me gerar são inestimáveis. Vou entrar na casa de várias crianças brasileiras, algo que, trabalhando lá pra fora, eu jamais conseguiria.”

Autora de 17 livros infanto-juvenis, Simone Mota, curadora do processo formativo da Flup nas escolas – que incentiva os alunos a projetar novas possibilidades para o lugar onde vivem – contou a *CartaCapital*, durante o evento, que tinha sido procurada, ali mesmo, por duas crianças de 10 anos. Elas lhe pediram ajuda para terminar os livros que começaram a escrever. O tema? Sonhos. •

*\*O jornalista viajou a convite da Festa Literária das Periferias (Flup).*





ines249

# FENAE COM ELAS



Aponte a câmera do seu celular para o QR Code, conheça mais a campanha e nossas iniciativas. Doe e ajude!

Talvez você ainda não saiba mas, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), o Brasil é o quinto país que mais mata mulheres no mundo.

A cada 6 horas uma mulher é assassinada. Na maioria dos casos, os sinais vieram antes: humilhações, controle, isolamento, agressões verbais.

O feminicídio, homicídio contra a mulher, é o ponto final de um longo ciclo de violência que pode – e deve – ser interrompido.

Por isso, a **Federação Nacional das Associações do Pessoal da Caixa Econômica Federal (Fenae)** entrou em ação!

Aderimos à mobilização nacional **Feminicídio Zero**, do Ministério das Mulheres, e fomos além: lançamos a campanha **Fenae com Elas** e criamos, em todo o país, uma rede de empoderamento, conscientização e enfrentamento à violência contra a mulher.



## FENAE

FEDERAÇÃO NACIONAL DAS ASSOCIAÇÕES  
DO PESSOAL DA CAIXA ECONÔMICA FEDERAL



/fenaefederacao



@fenaefederacao



www.fenae.org.br



(61) 98142 8428

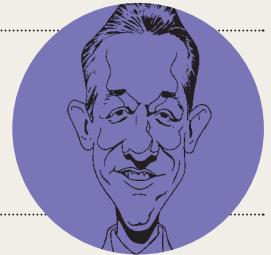


/company/fenae-federacao



**ARTHUR CHIORO**

Médico sanitário e professor da Escola Paulista de Medicina (Unifesp). Foi ministro da Saúde. É presidente da Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (MEC)



# O clima na UTI

## ► Na COP30, o Brasil dá um passo inédito ao lançar um plano que reconhece a emergência climática como uma questão também sanitária

**N**ão é de hoje que sabemos: o planeta está muito doente. Mas, como acontece com os corpos enfermos e febris, nas periferias brasileiras a temperatura do planeta atinge primeiro, de forma mais violenta, os organismos mais vulneráveis.

Na COP30, em Belém, o Brasil deu um passo inédito ao reconhecer que a emergência climática é também sanitária. O Plano de Ação em Saúde de Belém para a Adaptação do Setor da Saúde às Mudanças Climáticas, lançado pelo Ministério da Saúde, é mais que uma agenda técnica: é um ato político de sobrevivência, em defesa da vida e do planeta.

Por muito tempo, o debate climático foi sequestrado pelos gabinetes e especialistas da economia e da área de energia. O setor da saúde, embora em silêncio, já vinha sentindo os sintomas: epidemias de dengue e chikungunya, ondas de calor matando idosos e trabalhadores, incêndios produzindo destruição e graves doenças respiratórias, desastres naturais desabrigoando comunidades e colapsando unidades de saúde.

O Plano de Belém quebra esse silêncio, reconhecendo a saúde como um setor estratégico da adaptação climática, articulando ciência, vigilância, infraestrutura

ra e justiça social. E o faz tendo o Sistema Único de Saúde (SUS) como linha de frente do enfrentamento climático.

O Plano parte de evidências científicas. O Brasil já enfrenta os efeitos das mudanças climáticas e o setor da saúde precisa agir. Para isso, são propostas ações articuladas e integradas em cinco frentes:

**1. Educação e capacitação da força de trabalho:** gestores, médicos, enfermeiros, agentes comunitários e outros profissionais de saúde devem ser preparados para reconhecer e atuar diante dos impactos climáticos sobre a saúde – da insolação à insegurança alimentar, das enchentes às doenças respiratórias.

**2. Vigilância e monitoramento ambiental e sanitário:** por meio da criação de sistemas integrados que combinem dados meteorológicos, ambientais e epidemiológicos, possibilitando respostas rápidas a eventos extremos e surtos.

**3. Infraestrutura resiliente:** adaptando unidades de saúde para resistir a desastres, reforçando estruturas físicas, garantindo abastecimento energético ou assegurando acesso a água potável e saneamento.

**4. Gestão sustentável dos serviços de saúde:** o Plano propõe transformar o próprio SUS em modelo de sustentabilidade ambiental, com redução de emissões, uso racional de recursos e logística verde.

**5. Participação social e equidade:** as populações tradicionais, povos indígenas, ribeirinhos e moradores de periferias urbanas são os mais expostos e o Plano reconhece esses grupos como atores centrais – não apenas vítimas – na construção de políticas adaptativas.

Belém não foi escolhida por acaso. Porta de entrada da Amazônia, a cidade

simboliza os paradoxos e as potências do Brasil climático. Na Amazônia se concentram os maiores riscos e as maiores esperanças. O lançamento do Plano no território amazônico sinaliza uma inflexão: o Brasil quer liderar pela coerência, não mais pelo negacionismo ou omissão.

O documento de Belém é um chamado à ação interfederativa e intersetorial. Convoca estados e municípios, universidades, comunidades tradicionais, gestores e profissionais de saúde a incorporar a dimensão climática em suas rotinas e planejamentos. E propõe a criação de uma Política Nacional de Saúde e Clima, com orçamento próprio, metas definidas e monitoramento constante.

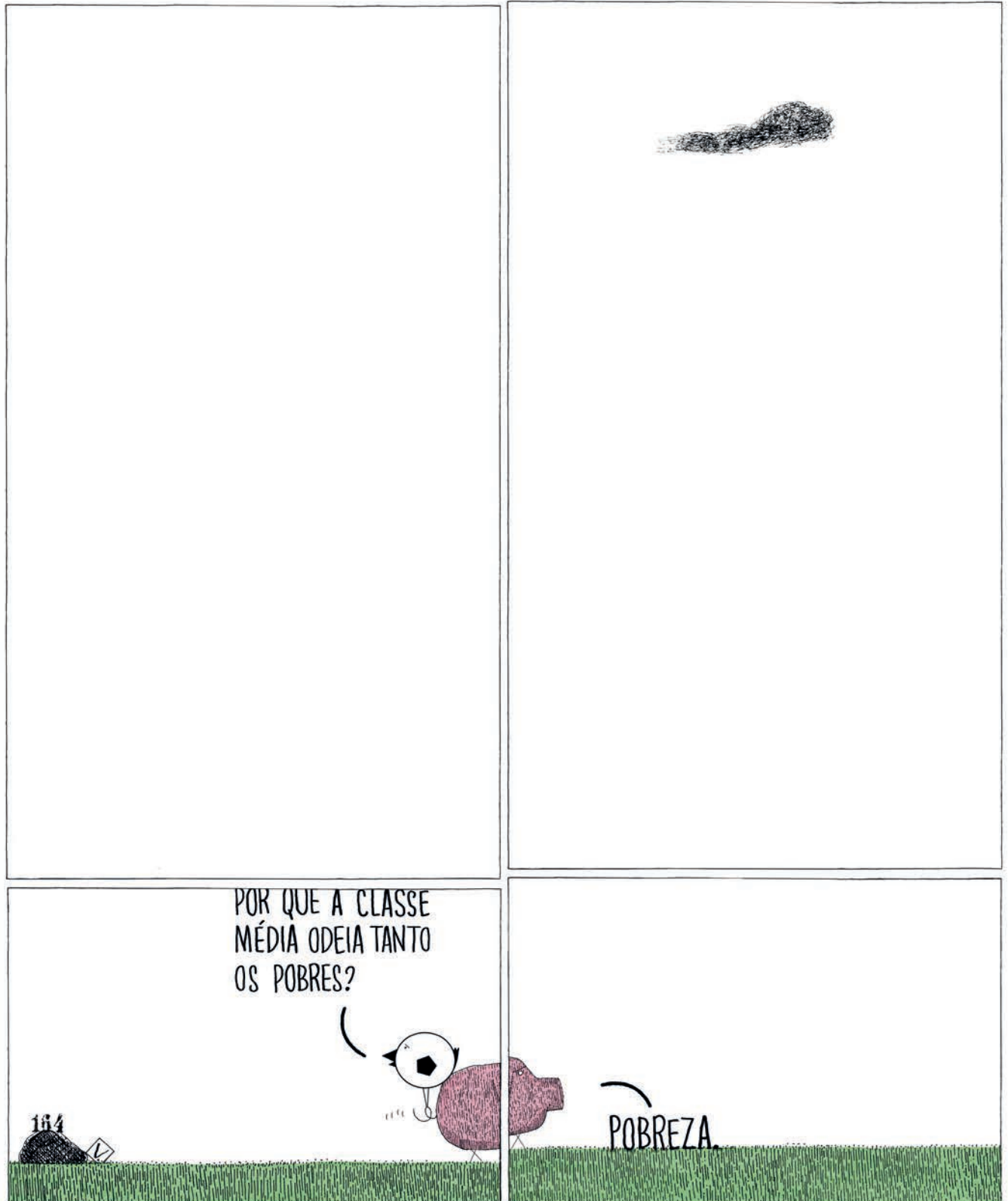
**Enfrentar as mudanças** climáticas a partir da saúde é recolocar a vida no centro das decisões políticas e reconhecer que a transição ecológica precisa ser inclusiva, popular e orientada pela equidade. E ninguém está melhor posicionado para isso que o SUS, que deve comprometer-se explicitamente com o clima como uma nova fronteira da justiça social.

O Plano de Belém é ponto de partida e início dessa jornada. Mas sem compromisso orçamentário, articulação interfederativa e uma consistente mobilização e pressão social e política, pode virar mais uma carta de intenções. Cabe a nós – militantes do SUS, gestores e trabalhadores – e a cada cidadão brasileiro transformar esse plano em ação concreta, cotidiana e inovadora.

Afinal, a emergência climática não é apenas ambiental. Ela é, sobretudo, humana. E salvar o planeta passa, antes de tudo, por salvar as pessoas – com justiça, ciência e coragem. •

[redacao@cartacapital.com.br](mailto:redacao@cartacapital.com.br)





ines249

# POLÍTICA NA VEIA



*Política na Veia* é o podcast semanal de política da CartaCapital. A cada semana, Sergio Lirio (CartaCapital), Claudio Couto (Fora da Política não há Salvação) e Luis Nassif (GGN) discutem os principais assuntos do cenário político em conversas profundas, com análises objetivas e opiniões contundentes sobre a política nacional.



**Claudio  
Couto**

**Sergio  
Lirio**

**Luis  
Nassif**

SE VOCÊ TEM POLÍTICA NO SANGUE,  
OUÇA **POLÍTICA NA VEIA**

**TODA QUARTA-FEIRA,**  
NO SPOTIFY, YOUTUBE E NAS PRINCIPAIS PLATAFORMAS DE ÁUDIO.





ines249

# Papel planta ÁRVORES

Todos os dias, no Brasil, são plantadas 1,5 milhão de árvores para a fabricação de celulose e de papel.

Boa notícia para os consumidores que preferem ler jornais, revistas e livros impressos. Depois de ler, compartilhe e recicle!



Saiba mais



lovepaper.org.br

Fundada em 2008, Two Sides é uma iniciativa global, sem fins lucrativos, que divulga os atributos únicos, sustentáveis e atraentes do papel e das embalagens de papel, bem como esclarece equívocos comuns sobre seus impactos ambientais. Two Sides é uma colaboração de empresas de celulose, papel, embalagens, gráficas, editoras, jornais e revistas e opera na Europa, América do Norte e do Sul, África do Sul, Austrália e Nova Zelândia. Papel, cartão e papelão são recicláveis biodegradáveis e provêm de florestas cultivadas.

Papel, cartão e  
papelão: uma ótima  
história ambiental  
para contar



twosides.org.br